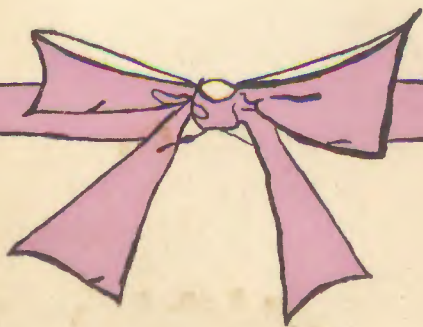


V. B.

D. Nuno Peres de Faria  
OU  
O Casamento de Dois Finados

3.<sup>a</sup> EDIÇÃO

(Orientada pelo escritor Manuel de Boaventura)

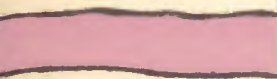


LIVRARIA «LIZ» - BARCELOS

= 1960 =

32

Principal  
Boaventura







**D. Nuno Peres de Faria**

**ou**

**O Casamento de Dois finados**

---

---

Composto e impresso na Tip. «GIL VICENTE» — Barcelos

BOA-32

V. B.

---

D. Nuno Peres de Faria

OU

# O Casamento de Dois Finados

3.<sup>a</sup> EDIÇÃO

(Orientada pelo Escritor Manuel de Boaventura)



Edição da Livraria «LIZ»

== BARCELOS ==

1 9 6 0





# Nótula Etnográfica

a servir de preâmbulo



## Como nasce a literatura do Povo

*OS contos, os romancilhos, as lendas, canções e cantigas que brotam da intelligência anónima, pululam, ou pulularam, por Portugal além.*

*Pelas albergarias medievais, que agasalhavam os peregrinos; nas grandes romarias, e nos serões de aldeia, a gente mais idosa que dispunha de fantasia criadora, tinha sempre uma novidade a dizer, que, os ouvintes, transmitiriam a outros, acrescida num ou noutro ponto, consoante a inventiva do contador.*

*Por sua vez os trovadores e jograis, — (como os cantadores repentistas, ainda hoje) — cantavam ao som do arrabil, da banza, ou do adaufe — os factos mais notáveis e chocantes, do seu conhecimento: amores infelizes ou contrariados; assassinatos; desastres; aparições maravilhosas de*

*mouras encantadas e de santos; cenas jocosas e anedóticas; casamentos serôdios; escândalos de maior tomo, etc.*

*E essas narrações e cantigas iam sendo fixadas nas memórias mais fiéis, e transmitidas de geração em geração, nunca esquecendo o slogan de que, quem conta um conto, aumenta um ponto!*

. . . .

*Nascem as lendas do pé para a mão.*

*Uma matrona teve dum ventre, duas gêmeas; no ano seguinte, ou pouco depois, voltou a dar à luz outras duas gêmeas; e, possivelmente, mais duas gêmeas brotariam do ventre fecundo! Espanto de quem do caso teve conhecimento! Os propagadores de novidades levaram a nova aos quatro cantos da península, mas aumentando sempre de província para província o número de nascimentos, encurtando o tempo das gestações até reduzir todos os partos, a um só! E quando, de recochete, voltou ao ponto de partida, vinha irreconhecível! Assim se originou a lenda medieval da mãe fecunda, que, duma só vez, deu à luz nove filhas — as nove virgens predestinadas para o martírio e para a santidade, na fé ardente e criadora do povo.*

. . .

Não teria eu mais que escassos 14 ou 15 anos, quando, falecido meu Pai (1901), pretendi inventariar a estante dos livros, herdados — uns do velho Padre Manuel Joaquim, meu tio-avô, e meu padrinho, — «ferramenta do seu ofício»; — outros de literatura amena, que foram de uso e gozo do meu progenitor.

E assim entre volumosos e variados tratados de teologia, com acompanhamento apropriado, do «Desengano de Pecadores», da «Mística cidade de Deus», do «Amigo da Infância» lá encontrei a «Prosódia», de Bento Pereira, a «Arte de Escrever» de Madureira Feijó, e até o grosso e bem encadernado volume «Instruçam da Cavallaria de Brida».

Mas noutras prateleiras, fugidos ao mofo dos velhos, lá se me depararam livros de Herculano, de Garrett, de Camilo, e outros que a mocidade de meu Pai elegera, para recreio de seu espírito.

Ora entre estes «outros», — perdido num deslizado da carunchosa estante, encontrei uma pequena brochura, de 116 páginas, com andrajosa capa de desbotado azul, cujo título feriu a minha curiosidade de leitor incipiente de

*romances: — O Casamento de Dois Finados —! E esta? Dois mortos que se casam? — Podia lá ser?*

*No intuito de decifrar o mistério, arrepanhei o livrinho, e só o deixei ao findar a última página.*

*Comoveu-me, atraiu-me e entusiasmou-me! Era uma peçazinha romântica, — talvez, mesmo, demasiado romântica de que gostei, porque eu era também um tanto ou quanto romântico, como o eram quase todos os rapazes naquele já longínquo desabrochar deste século.*

\* \* \*

*O curioso livrinho, trazia, a denunciar o autor, apenas duas enigmáticas iniciais: V. B.*

*Um mistério! Quem teria sido V. B.? Que importava ao rapaz de 15 anos, o nome do autor? Nem em tal pensou!*

*E como leu e gostou, voltou a ler e a gostar. Fez mesmo uma descoberta: adentro daquelas 116 páginas, achou que havia não um, mas três enredosos romances de amor:*

*— Um que atingiu o acume da felicidade, precisamente no último minuto da hora, que o destino marcava:*

—D. Nuno e D. Vivili—os dois supostos finados de Faria e Neiva!

Outro romance, de fino recorte, é aquele que se desenrola, entre o Cruzado prisioneiro, nos esaldejantes areais da Arábia, e a bela sultana Zéfir, sua amorosa carcereira, que na impossibilidade dum casamento, entre cristão e muçulmana, dá generosamente liberdade ao homem que a estonteou de amores, para que este vá fazer feliz, «a outra», a competidora, a rival!

A linda e boa Zéfir, ficou na longínqua Palestina, a finar-se de amores; Nuno Peres — «o morto das Cruzadas» — correu ao nascente Portugal, em cata da sua amada — da sua adorada Vivili — que, ilusòriamente, supòs morta, ao deparar com austeras pompas duma cerimònia fúnebre!

O terceiro romance, que o incipiente leitor de 1901, descortinava, rumou por angustiosas veredas e foi até às tenebrosidades duma vingança atroz que acabou em crime sanguinolento: — o asturiano D. Inigo, ciumento, como o mouro veneziano, mata à punhalada a fementida e orgulhosa D. Elvira; e derruba a golpes de durindana o senhor de Linbé, — o preferido da pérfida amante. Atroz vingança, sem dúvida, mas imprópria dum cristão, defensor dos Lugares Santos.

. . .

*São na verdade três autênticos romances, por muito que isto pese a certos «mestres da crítica encartada», que só vislumbram romances em volumes de 500 páginas, para além, ainda que estes sejam amontoados de palavras, como um dicionário em desordem.*

. . .

*O que teria dado origem a este «Casamento de Dois Finados» — cuja acção se passa nos inícios da nacionalidade, no tempo do Conde D. Henrique?*

*Duas hipóteses se aventam:*

*1.<sup>a</sup>— A inventiva do autor, propensa, à criação ficcionista, que tudo architectou, ao redor dum tema amoroso, do seu conhecimento;— ou, porventura, influenciado pelo «Frei Luís de Sousa», de Garrett, aparecido por essa época (1843);*

*2.<sup>a</sup>— O desenvolvimento duma tradição, ou duma lenda que ainda corria, vinda dos confins da idade média — tão fértil no romanesco, a que os Cruzados aventureiros e bastantemente mercenários, davam origem, e que, com os pontozinhos dos acréscimos, chegara ao conhecimento de V. B., através de longevas gerações.*

*E o sentimental romance nasceu, e encantou nossos avós, bela emotiva poesia que dele se evola.*

\* \* \*

*Por 1846 escrevia-se assim.*

*Sobretudo quem não estava treinado na elegância da arte de escrever, à Garrett e outros maiorais, ou era desajudado de estilo espampanante — escrevia o que sentia.*

*V. B. — quem quer que fosse, — era, em primeiro lugar um cultor da tradição, um apaixonado dos temas históricos, e tinha o dom de carpintear os enredos com certa habilidade, que distendeu por longos períodos, às vezes de 30 e 40 linhas seguidas. Não obstante, o livrinho lê-se com agrado, e a longura dilatada dos parágrafos, não tornam a leitura tão maçuda, quanto seria de esperar.*

*Os cenários são conhecidos e alcandoram-se nas ribas do Cávado e do Neiva — dois rios vizinhos e amigos — como vizinhos e amigos são as famílias romanceadas.*

*O desconhecido escritor, traça paisagens com fidelidade e os retratos das personagens são apresentados a traços fortes, na ambiência do cenário minhoto, e no sentimentalismo peculiar à raça.*

\* \* \*

Há muitos anos, em Barcelos, e numa roda de plumi-tivos, veio a talhe, o simpático romancezinho — D. Nuno Peres de Faria «ou o Casamento de Dois Finados». Alguém—Quem?—aventou a hipótese de o livrinho ser da autoria de um senhor de apelido «Vale» — possível ascendente do velho livreiro Vale — então ainda vivo que tinha livraria na Rua Duque de Bragança, à esquina que dá para o largo da Fonte de Baixo.

Em 1896 a Livraria Vale dera nova edição do livro, sem determinar o número de série, mas suponho que seria a segunda edição, se não era já a terceira.

Esta, vai por isso, classificada como senda a 3.<sup>a</sup>, e a não ser a actualização da ortografia, sugerida pelo Editor, e a abertura de um que outro parágrafo, em extensos períodos, de mais de página — nenhuma alteração foi feita, nem tal era curial.

O romancezinho tem muito de etnográfico e deu no goto às multidões. Pelas aldeias da região, e até por longas terras, falava-se do casamento de dois finados, como de coisa que andasse na tradição, desde as épocas medievais.

Andaria? Não andaria?



*Tal vivência pressupõe que o autor tivesse louvavelmente aproveitado uma romântica lenda, em risco de se perder, como tantas outras, que não será possível recuperar.*

*Se assim é, a reedição deste livrinho, denota uma conquista a favor da etnografia e do folclore regional.*

*Das primitivas edições, aparece um que outro exemplar em desmantelada livrarias de aldeia ou em bibliotecas de casas antigas, consumidas de traça e apodrecidas da humidade. E raras são as pessoas deste século, com conhecimento da sua existência.*

*Foi essa a principal razão que levou o Editor inflado de amor bairrista pelo património espiritual do seu terrunho nativo, a empatar capitais e dispender tempo, em obra naturalmente simpática mas propensa a emonar pelas estantes dos escuros armazéns das livrarias.*

*Pedi o Editor duas palavras a acompanhar esta edição: elas aqui ficam. Só resta pedir ao leitor desculpa de as dilatar e alongar para além do que foi solicitado, em oral requerimento, a que era força dar despacho favorável.*

*30 de Maio, de 1960.*

*M. de B.*



D. Nuno Peres de Faria

OU

## O Casamento de dois Finados

**M**EIA légua distante da nobre e linda Vila de Barcelos, levanta-se o alcantilado monte da Franqueira, e num morro desse monte, para a parte do Poente, existiu o famoso Castelo de Faria, de que ainda se vêem os escombros, onde foram as muralhas, e cujas ruínas serviram para a edificação do Convento, que no meio da encosta do monte tinham os humildes filhos do Patriarca de Assis, pertencentes à província da Soledade<sup>(1)</sup>. O nome do fundador deste Castelo, e ano em que principiou a existir, já vão tão longe, que os olhos da História não os podem alcançar: apenas os etimologistas se limitam a dizer, que o nome de

---

(1) Vid. Cron. da província da Soledade, verbo FRANQUEIRA.

*Franqueira* é derivado dos *Francos*, que, aportando por estas terras, ali fariam aquela fundação: seja porém o que for: no ano de 1103 era senhor desse Castelo, rico de anos e glórias militares, um nobre Fidalgo, chamado D. Pedro Eanes de Faria, casado com uma senhora de igual nobreza, chamada D. Ermesenda Pelais, próxima parenta dos reis de Leão e das Astúrias: eram fruto desse consórcio D. Nuno Peres de Faria e, muito mais moço que este, D. Fernando Peres de Faria.

Sabido é que não muito longe de Faria existia o Castelo do Neiva, nome derivado desse rio, que junto dele corre: a sua antiguidade disputa parelhas com outro Castelo; mas destes dois rivais dos séculos, nem ruínas já hoje existem! e das suas glórias e grandezas apenas encontramos dispersas memórias nas mesquinhas crónicas dos nossos descuidados maiores.

Era senhor do Castelo do Neiva D. Mem Gonçalves, o Prudente, casado com D. Unisca de Chavão: deste consórcio tinham nascido, até ao ano de 1103, D. João Mendes, D. Brites e D. Vivili; e muitos anos depois, como uma excepção da natureza, no tempo dado à fecundidade feminina, nasceu D. Sancha: todas eram formosas, e podiam bem chamar-se as três graças do Neiva.

A proximidade dos Castelos, a nobreza das personagens, e muito interesse que todos tinham de viverem unidos, para melhor rebater em qual-

quer das muitas arrancadas, que os mouros continuamente faziam sobre as terras dos cristãos, tudo concorria para que estas famílias continuamente se visitassem, e até vivessem quasi sempre juntas.

D. Vivili, a este tempo, filha mais nova de D. Mem Gonçalves, tinha todas as graças, e perfeições com que a natureza costuma enriquecer aqueles entes, que forma para servirem de deleite aos olhos, encanto das almas, e prisões do coração. D. Vivili, tinha catorze anos, e D. Nuno dezasseis no ano 1103, em que ocorreram os successos seguintes. D. Nuno era formoso; tinha já nos seus tenros anos, uma força hercúlea, talvez adquirida, ou aumentada pelos contínuos exercícios do corpo, e o seu coração tinha a intrepidez e magnanimidade dum herói. Estas duas perfeitas criaturas, criadas desde a mais tenra infância, em fraternal união, datavam as suas mútuas inclinações desde que a sua razão se desenvolveu e lhes disse que existiam: a innocente amizade da meninice tinha-se convertido no amor o mais terno, e o mais extremo; mas este amor era puro como a virtude, tão suave e tranquillo nas suas doces sensações, como a pacífica amizade, e só dela se diferenciava, por ser affecto entre pessoas de diferentes sexos. Os dezasseis anos de D. Nuno de Faria só lhe tinham dito, que por meio do laço sagrado do matrimónio ele podia ser feliz com a sua amada Vivili: os desejos criminosos dum amor

desonesto seriam para um Cavalheiro, como ele, a mais negra de todas as infâmias, enfim, o amor de D. Nuno era em tudo como ele, honrado, e nobre.

D. Vivili era, em todos os sentidos, de igual sentir, que o seu amante: aqueles corações tão generosos, e aquelas almas tão nobres, parece que, ou foram modeladas pela mesma forma, ou que a Providência se empenhou, por esta vez, em formar o que é tão raro, dois entes de sentimentos homogêneos, a quem uma só vontade anima e felicita. Largo seria, e desnecessário é, contar os dias de não interrompida felicidade, que passaram os dois amantes, até que uma circunstância, inesperada, veio fazer uma pausa nesse estado de ditoso encantamento, em que viviam os dois amantes.

Corria, como se disse, o ano de 1103, e o Conde D. Henrique, senhor de Portugal, movido de piedade e devoção, determina ir visitar os lugares santos da Palestina, aonde os Cruzados, havia pouco, se tinham estabelecido. Era nesse tempo a guerra da Palestina a palavra de todas as bocas, e o choque eléctrico que fazia palpitar os corações de toda a mocidade. A Europa inteira ardia em desejos de ir à Palestina matar e morrer em nome de Jesus Cristo. Na terra em que um Deus de paz verteu todo o seu sangue para fazer que os homens se amassem como irmãos, é que a lança do entusiasmo levava a morte a homens

pacíficos, que não tinham outro crime, senão viverem em erros, talvez invencíveis, e não deviam ser conquistados senão com o estandarte da Cruz, e pela constância, paciência, e pregação, únicas armas que o Salvador entregou aos seus Apóstolos, e mais fortes, e mil vezes mais eficazes que as lanças, e as espadas dos Cruzados: estas só puderam formar um pequeno e efémero império de oitenta anos na Palestina, e a Cruz, sem guerras, nem pelejas, tem conquistado os mais belos e vastos impérios do mundo, e a sua duração já vai em 1846 anos: mas enfim, cada século tem a sua mania, que faz o seu carácter distintivo: o século 11.º tinha o das guerras de religião.

Os mesmos príncipes, que se armavam para esta guerra, chamada santa, sem dúvida tinham também vistas políticas: os grandes senhores Feudatais da Coroa, tendo de se cruzar, fazendo gastos excessivos, ou vendiam, ou empenhavam os seus feudos, e tornando-se pobres ou sem representação, a Coroa estendia, ou aumentavam os seus direitos, ora justos, ora injustos; ora moderados, ora exorbitantes; e assim os grandes feudos foram pouco a pouco desaparecendo, e o poder dos reis foi-se aumentando.

A mocidade nobre que nesse tempo não aprendia outra ciência senão a do manejo das armas, nem tinha outra ocupação senão a guerra, corre em cardumes à Palestina; quem não ia,

tinha labéu de fraco. Os portuguezes é que menos contingente deram para esta guerra do ultramar; pois de portas a dentro tinham esses inimigos, que as outras nações iam buscar tão longe.

Porém o Conde D. Henrique, francês de nação, cujos nacionais tanto se empenharam nesta guerra, e parente, como alguns dizem, de Godofredo de Bulhões, chefe dos Cruzados, e Rei de Jerusalém, e além disto devoto e pio, não quis certamente ter murmurado de não ir à Palestina, visto que Portugal pela prudência do mesmo Conde D. Henrique, e acobertado pelas armas sempre vitoriosas, e grande nome de D. Afonso VI, Rei de Castela, e sogro do mesmo Conde, gozava duma paz octaviana: para calar a murmuração, e nutrir a própria piedade, determinou passar à Palestina, não como combatente, mas sim como romeiro, acompanhado porém dum séquito, qual convinha à grandeza da sua pessoa, levando alguns nobres mancebos, que quisessem ganhar nome pelas armas, ou adestrarem-se nelas, para depois servirem melhor a pátria.

Como o Conde dava esta faculdade, muitos dos mancebos nobres trataram de se porem prestes para irem na companhia do seu Conde. Neste ensejo, D. Pedro Eanes de Faria julgou da sua honra e dever mandar seu filho D. Nuno na companhia do Conde, não só por civilidade e política, mas também para que ele se instruisse nos costu-



mes dos vários povos, que concorriam à Palestina; mas também para aumentar o lustre da sua família e ter nome pelas armas, que descansadas na pátria, não podiam ter exercício: portanto chama seu filho, e lhe diz:

— Nuno, tu bem tens ouvido contar, quantas lanças quebrei contra Mouros, no cerco de Toledo, em favor do famoso D. Afonso VI: o meu valor e feitos de armas fizeram-me admirar não só dos Espanhóis, mas até mesmo desses valorosos Cavaleiros Franceses, que também lá concorreram: desde esse tempo é que me conhece o nosso Conde D. Henrique, e sempre me estimou, e me teve em grande conta; ele, como sabes, vai agora à Palestina, como romeiro, e não como combatente; mas permite e tem gosto, que alguns mancebos nobres o acompanhem, e lá fiquem combatendo, para deste modo darem novo realce à sua nobreza, e nome à nossa Nação; a paz e tranquilidade de que temos gozado, não tem dado lugar a combates, em que os nobres mancebos pudessem mostrar o seu valor; tu já tens idade de levar as armas, e a ocasião é esta própria de te mostrares, como nobre e valeroso, digno herdeiro do nome de teu pai: é preciso pois que te disponhas a acompanhar o nosso Conde: eu espero que tu estimarás ter esta ocasião de te distinguires, de combater os inimigos do nome Cristão, e Deus me conserve a vida para te ver vir coberto de glória, e louros, pendurar as

bandeiras tomadas aos Agarenos, junto daquelas que ali pendurei, e das outras que os nossos Maiores, para nosso estímulo, nos deixaram. Eu encomendei para a França a mais bela e completa armadura, que se possa lá fazer, ela chegará cedo; e a tua equipagem e séquito será digno do filho do Senhor de Faria.

— Sair do solitário e obscuro monte da Franqueira, viajar em muitas diversas terras e climas, vestir ricas e brilhantes armas, figurar entre milhares de nobres de muitas variadas nações; tais foram as primeiras e gratas ideias de juvenil e inconsiderada vaidade, que passaram pela mente de D. Nuno, em um momento tão rápido como o pensamento; mas logo o coração lhe disse — *Vivili, deixar Vivili!* — Tal foi a magoada voz do amor, e da saudade, que pela vez primeira veio perturbar a doce paz da sua feliz existência.

Mudo e assombrado ficou D. Nuno com o irrevogável preceito, e sérias reflexões do seu inexorável pai: desobedecer-lhe era um crime; deixar de correr à glória, ao campo da honra, era uma fraqueza; deixar *Vivili*, a terna e encantadora *Vivili*, era o maior de todos os tormentos que podia sofrer um coração amante, e tão extremamente como o de D. Nuno! A separação, esta dor que punge na alma de quem verdadeiramente se estima, é sempre um sentimento notavelmente doloroso, mesmo entre aqueles que sabem que o

amor tem seus espinhos, muito mais num coração noviço no amor, que pensava que esta suave febre da alma não tinha síncope nem paroxismos.

Até agora D. Nuno só tinha gozado quantas delícias suaves o amor honesto pode repartir; agora principia a saber que este tirano dos corações mantém-se de lágrimas e sofrimentos. Não sabia D. Nuno o que havia de responder a seu pai: a sua posição era apertada; eis que nesse mesmo instante, toda a família do Neiva, que vendo meio aberta a porta da sala, entrou de repente para dar aos seus amigos uma agradável surpresa.

Os olhos de Vivili encontraram-se com os de D. Nuno; mas os de Vivili, como ignorava tudo quanto se tinha passado, tinham todo o brilho do prazer; porém os de D. Nuno nadavam em duas fontes de lágrimas. Quando Vivili viu tão decisivos sinais de tristeza, ficou como transida de morte. D. Nuno sai da sala, e a sua amada o seguiu, sem que os pais dum e outro, à excepção de D. Pedro, fizessem algum reparo: e nem isto era de estranhar, porque desde os primeiros anos, sempre que queriam, assim o praticavam.

Silenciosos e pensativos, chegam os dois amantes às ameias do Castelo, donde, em majestoso panorama, se avistava Fão, a barra do Cávado e largo espaço de terreno até onde hoje é o

Porto e o templo da Senhora da Lapa, bem como imenso espaço do tumultuoso oceano.

— Vivili, diz D. Nuno à sua amada, vês o mar? Em breve ele nos vai separar... e por largos anos... talvez para sempre!!! — Adejando, bem como a flor no rigor da calma, Nuno desfalece junto duma ameia e da sua bela.

D. Vivili, pelo que já tinha em casa ouvido falar a seu pai, compreendêu fãcilmente o terrível sentido das entrecortadas expressões de D. Nuno: ela toma em suas mãos de neve a desfalecida cabeça do seu amante, chama-o uma e muitas vezes, aquece com suas fervidas lágrimas as frias e lívidas faces de D. Nuno: quer chamar alguém, que lhe possa ministrar socorro, mas quem a pode ouvir? Descer aos salões do Castelo, deixar só em profundo delíquio o seu amante!... Não, não é possível! Ela introduz seu hálito salutar na boca do seu amante e este hálito suave parece que chamou à vida aquele que só morria por amor. Tornado a si, recostado no peito de Vivili estava D. Nuno, quando as duas famílias de Faria e Neiva subiram aos muros do Castelo para gozarem da vista encantadora, que dali se disfrutava.

Quando isto succedeu, era num dia do frígido Janeiro: o céu, cor dum azul de esmalte, parecia uma imensa safira; todo o horizonte limpo de nuvens e de névoas, ofereciam à vista espaços incomensuráveis, cujo termo a vista não podia alcan-

çar: os largos e dourados areais de Fão, aonde as ondas altivas e soberbas quebravam a sua fúria, e depois de tanta arrogância se tornavam em pequenos globos de humilde espuma: o grande oceano, como largo listão de azul celeste, mostrava nos pequenos bulícios das suas águas, em que um sol puro reflectia os seus raios, pedaços de cristal quebrado: diferentes embarcações navegando em diversos rumos, à vista de terra, davam um novo encanto a esta perspectiva encantadora; vista era esta tão formosa, que as duas famílias a iam muitas vezes disfrutar, e vindo-o assim praticar neste dia, encontraram os dois amantes no estado que acabámos de descrever.

Extáticos ficaram todos, à vista do que entre todos se passava. Nuno e Vivili não esperavam ser surpreendidos por seus pais, e estes não se persuadiam, que o amor da criação passasse em seus filhos a ser uma paixão violenta: aqueles reconheceram, bem que tarde, quanto os pais são imprudentes, quando consentem que as pessoas dos dois diferentes sexos tenham demasiada liberdade de se tratarem, ainda que o parentesco, a amizade ou a criação pareçam justificar essas liberdades: os dois sexos têm tanta tendência um para o outro, como o aço o tem para o íman: desconhecer esta invariável lei é cegueira voluntária, e sempre indesculpável. É verdade, que os chefes das duas famílias tencionavam unir Nuno e Vivili,

mas eles não queriam que a sua mútua amizade degenerasse em amor, sem se lembrarem que tanta beleza, tão tenros anos e tanta liberdade são poderosos incentivos dessa paixão, que muitas vezes nasce e cresce sem eles.

Ambas as famílias conheceram o resultado da sua pouca vigilância, mas já não era tempo de emendar o erro, senão dirigindo ao seu legítimo fim, uma paixão, que bem fôra não ter ido tão longe.

Qual é a causa do desfalecimento de D. Nuno, e da cruel ansiedade de D. Vivili? Eles amam-se; nem o cruel ciúme os consome, nem o desprezo dum mortifica o outro: são duas almas num corpo; porque será um tal delíquio? Diziam as mães dos dois amantes, totalmente ignorantes da conversa de D. Pedro com seu filho. As duas mães apressam-se em prestar os competentes socorros a D. Nuno, bem que já tornado a si: e que valiosos não são os carinhos e cuidados duma mãe?

D. Nuno reforça-se, toma ânimo, e passeia. D. Pedro, para quem não era um mistério a doença de seu filho, assim lhe diz: — Nuno, estás doente? Que grande mal tão depressa te acome-teu, e te obrigou a reclinar-te no peito de Vivili? — Breve era a pergunta, mas severa e delicada a censura. Vivili tomou a palavra e disse:

— Senhor, vim com vosso filho até às ameias do Castelo, como vêdes; D. Nuno disse-me: Vivili,

vês o mar? Daqui a pouco ele nos separará... talvez para sempre... e de repente desfaleceu: fiquei transida com estas ininteligíveis expressões, mas ainda mais com o seu delíquio, que me parecia equivocar-se com a morte: passado pouco, D. Nuno recobrou os sentidos, e não deveis estranhar, senhor, que ele se encostasse para esta irmã de criação, a quem o trato de muitos anos permite liberdades, que ainda sem serem criminosas, a decência não consentiria que se concedessem a algum outro: além disto, senhor, socorrer como pude, o vosso filho moribundo, não entendia que fosse um crime aos vossos olhos...

Vivili olha para D. Nuno, e no seu rosto desfigurado lê a profunda aflição de sua alma, mais aflita do que antes, vira-se para D. Pedro, e diz:

— Senhor, peço-vos pelo amor de filha, como sempre me tratastes, que digais o sentido dessas ininteligíveis expressões, que vosso filho me repetiu, e que tanto o angustiam.

— Sim, cara Vivili, eu te respondo: teu pai, como muitas vezes temos conversado, destina-te para fazeres a ventura dos dias do meu Nuno, e eu queria dar-te nele um esposo digno de ti; propuz-lhe que na companhia do nosso Conde, que está de partida para Jerusalém, ele devia partir para a Palestina, e ali, nessa escola de nobreza europeia, ilustrar-se, em algum feito d'armas, pelo qual merecesse ser armado cavaleiro, pelo mesmo



Godofredo de Bulhões, ou por algum outro cavaleiro de conhecida nomeada, para que depois voltando à pátria, pudesse oferecer à filha do valente D. Mem Gonçalves, troféus se não maiores, ao menos iguais àqueles que ornaram os seus salões. Um mancebo, que não tem outro mérito senão uma fraqueza do coração, a que vós chamais paixão, nem é próprio destes tempos, nem digno da minha Vivili, filha dum herói, nem um presente que D. Pedro de Faria se atrevesse a ofertar-lhe.

D. Mem Gonçalves, que tinha estado ali como mudo espectador, cheio de entusiasmo diz:

— Caro amigo, falaste como honrado cavaleiro. eu também não casei enquanto não fui armado cavaleiro. Vivili, não posso desconhecer o teu amor para o meu querido Nuno... — Aqui as faces de Vivili tomaram a côr da rosa mais carregada, e rubicunda; seus olhos, cujo brilho era tão cintilante como o das estrelas, cobriram-se das sombras de pudor, e suas pálpebras cadentes lhe impediam o luzimento; e como para desculpar, não o seu amor, mas sim a sua fraqueza, assim responde:

— É verdade, meu pai, que D. Nuno e eu somos da mesma criação, e a criação gera afeições. — Este modo ambíguo de falar, com que uma amante quer encobrir o seu amor, revelava, a seu pesar, toda a grandeza da sua paixão.



D. Mem Gonçalves, como quem não ouvira o que sua filha tinha dito, continua, virando-se para D. Pedro:

— Na companhia do teu Nuno irá também o meu João; ambos virão sem dúvida cobertos de glória e de troféus: eu também quero o meu filho armado cavaleiro lá na sagrada Palestina.

D. Nuno diz a seu pai, quando D. Mem Gonçalves tinha acabado de falar:

— Meu pai, eu não posso, nem devo desobedecer às vossas justas determinações: eu seria um ramo degenerado do illustre tronco dos nossos famosos antepassados, se duvidasse brandir a lança contra os inimigos do meu Deus e da minha pátria; mas permiti, meu pai, que vos diga, que se tantos esforçados cavaleiros não foram à guerra da Cruzada, porque em casa tinham Mouros a combater, e como nós os temos também cá dentro das portas, e até se tornarão atrevidos e audazes na ausência do nosso Conde, neste caso são precisos braços fortes para os combater, e então sobejas ocasiões poderão haver para eu me distinguir, e dar-vos assim ufania de serdes meu pai, e mostrar ao illustre D. Mem Gonçalves, que não desmereço a honra de ser contado como seu filho.

Calou-se D. Nuno, esperando a decisão de seu pai; e D. Vivili, na alegria de seus olhos mostrou a alegria de sua alma, porque se persuadiu

que as razões de D. Nuno convenceriam seu pai de que seu filho podia ser ilustre cavaleiro sem deixar a pátria, e a sua amada.

D. Ermesenda, que como nobre senhora, e de juízo muito atilado, e que juntava ao amor, próprio de mãe, o desejo da glória de seu filho, advogou assim a causa dos dois amantes:

— Meu Pedro, diz ela para o marido, o nosso Nuno tem razão: talvez bem cedo o nosso Portugal lhe oferecerá ocasiões de se distinguir: bem sabes o muito que se fala da pouca fidelidade dos Mouros de Sintra; e os das outras partes também não são de melhor fé: e quem sabe se na ausência do nosso Conde eles se revelarão? Se assim for, quanto não será glorioso para os novos cavaleiros poderem dizer ao Senhor Conde, à sua volta da Palestina:

— Senhor, os Mouros quebraram os pactos e fé jurada; nossos braços os venceram e castigaram; aí tendes nas páreas e despojos a prova do nosso valor.—E o nosso Conde, justo remunerador do verdadeiro merecimento, não deixará sem prémio tão assinalados serviços, e aí temos nosso filho honrado, sem sair quase dos nossos olhos: eu sou mãe, e o meu amor custosamente permite apartá-lo para longe da minha vista.

Calou-se D. Ermesenda, e os dois amantes, em cujos corações este discurso ditado pelo amor maternal tinha feito nascer lisongeiras esperanças

de se não separarem tão cedo, nem por muito tempo, aguardavam com sobressalto a decisão de D. Pedro.

— Querida Ermesenda; as razões que o amor de mãe te dita, não tem escapado à minha meditação: eu sou pai, e sinto, como tu, no fundo da alma, ver marchar o nosso Nuno para países tão remotos; porém o meu dever, a honra da nossa casa faz-me sufocar os sentimentos da natureza. O Senhor Conde fez saber a todos os nobres que têm filhos, que eles devem ir na sua companhia, como reforço aos Príncipes Cruzados; pois que eles sabendo da profunda paz que se goza em Portugal, e paz que a mesma ida do Senhor Conde atesta, muito estranhariam de o verem em terra inimiga, sem trazer braços para o combate; e demais, a Palestina é hoje a grande escola da guerra, é preciso ir lá aprendê-la; e o trato da mocidade portuguesa com os nobres de mil nações diferentes, é muito útil para a polir; e quando voltar à Pátria poder dar-lhe a civilização de que tanto precisamos. O estado actual das coisas não pode oferecer, como julgas, ocasião favorável para os Mouros se levantarem, os exércitos sempre felizes e vitoriosos do nosso Rei D. Afonso VI em poucos dias aqui estariam, e para repelir o primeiro ataque bastam os velhos capitães, e os seus piões: ataques deste lote não podem dar lustre a novos cavaleiros ou àqueles que o pretendem ser:

é portanto forçoso que Nuno se apronte e marche.

Calou-se D. Pedro, e os dois amantes, como assombrados de raio, viram num momento desvanecerem-se as belas esperanças, que o discurso de D. Ermesenda tinha feito nascer em seus ternos corações, a quem a saudade partia, ainda antes de ausência. Mudos como as estátuas, olhavam-se mutuamente: e apesar de não falarem, suas almas bem se entendiam, porque os amantes verdadeiros têm o segredo de entenderem sem falarem.

Quando ainda estavam nas muralhas do Castelo, lá se avistam ao longe dois homens, que para ele se dirigem: um pelo seu traje mostrava ser estrangeiro, o outro bem se conhecia ser homem do Senhor Conde: esta vista excitou em todos notável curiosidade. Em breve o porteiro do Castelo veio dar parte que estava ali um criado com um recado do Senhor Conde para o Senhor do Neiva, e que não o encontrando no seu Castelo para ali o encaminharam, e que portanto pedia permissão para lhe dar o seu recado. Entrou o homem do Conde, e consistia o seu recado em convidar a D. Mem Gonçalves, para que em breves dias fizesse aprontar seu filho D. João Mendes; o qual, bem que ainda novo, já podia jogar as armas, a fim de o acompanhar à Palestina; e que lhe não tinha feito mais cedo este convite, porque supunha seu filho ainda mais novo do que era.

D. Mem Gonçalves, e toda a sua família muito se lisongearam do obrigante convite do Senhor Conde; D. João ia aparecer na Palestina, não como um simples aventureiro, mas sim como um nobre, digno de acompanhar o seu Príncipe, e de mostrar, à sua vista, as gentilezas do seu valor, para merecer a sua estima. O estrangeiro entrou e era um armeiro francês, que trazia a magnífica e rica armadura completa que lhe fora encomendada para D. Nuno: este francês, sabendo que muitos nobres se dispunham fazerem jornada à Palestina, trazia toda a qualidade de armas, para nelas traficar; a ocasião foi oportuna para todos, a uns para comprarem e a outros para venderem. A armadura de D. Nuno era qual convinha a uma tão rica e ilustre personagem, e digna de ser, como o era, a primeira prenda que D. Pedro dava a seu filho. A lança rompia o aço o mais fino, a espada cortava os elmos da melhor cimeira; o peito de aço, o escudo, a saia de malha, tudo podia resistir aos golpes do próprio Hércules. D. Mem Gonçalves viu outra armadura quase igual, gostou dela, e comprou-a para o filho: todos ficaram satisfeitos, e o francês não o ficou menos com o bom negócio que fez.

Nos dois Castelos de Faria e Neiva, tudo era agitação e aprestes, pois o dia fatal da partida estava batendo à porta.

Os dois amantes insensíveis a todos os arranjos, passavam os dias em contínuas conversações, tanto sobre os seus amores, como dando e recebendo os mais solenes e repetidos juramentos da mais constante firmeza. Os ânimos do mancebo ora se incendiavam com o amor de glória, e a abrasada e juvenil fantasia lhe afigurava combater exércitos, escalar praças, arrancar bandeiras da mão dos mais valentes, defender donzelas; enfim, tudo quanto as ideias cavalheirescas, que vagavam no seu tempo, tinham de mais romântico e atrevido, tudo servia de pasto à brilhante imaginação de D. Nuno; mas todas estas ideias tinham por fim tornar-se digno de ser o esposo de Vivili, mas o pior é, que era preciso deixá-la para ser digno de a possuir... eis a ideia melancólica, que, qual negro fantasma, vinha perturbar as delícias dos seus sonhos encantadores. Vivili, da sua parte, participava de todas as alternativas porque passava o espírito do seu amante: iguais penas e iguais glórias a entristeciam ou alegravam.

A ideia de ter um amante rico de nomeada, coroado de louros, carregado de despojos, que vem depor aos pés da sua dama, cuja mão só pede como recompensa de tantos perigos; esta ideia que altamente lisongeava o orgulho e a natural vaidade de qualquer mulher, muito mais incendiava a alma de D. Vivili, que, filha de um nobre e de um grande guerreiro, só ouvia falar

em triunfos militares e fidalguias: e qual é a mulher que não tem ufania nem vaidade? Enfim, os dias tinham corrido, e o da partida estava chegando; e como nesse tempo era costume darem as damas aos cavalheiros seu namorados alguma cifra, faixa, banda ou emblema, que servindo como de penhor da ternura e constância da mesma dama, era também como uma matéria eléctrica, cuja vista só incendiava o valor e brio do feliz cavalheiro, que possuía tão rico dom: estes mágicos presentes ocasionaram muitos desses gloriosos feitos, que nós hoje ainda lemos com assombro e cuja memória se perpetua nos brasões de armas de muitas famílias nobres. D. Vivili deu ao seu cavalheiro D. Nuno uma faixa de seda, metade verde e metade branca, significando no verde a esperança de o tornar a ver cedo, e na cor branca significava que sua alma seria tão pura na sua volta, como o era agora na sua ida: esta faixa era atravessada por um passador de ouro, figurando dois corações unidos, e em volta deles um círculo, como coroa, todos de amores perfeitos e perpétuas, cujas flores eram de pedras da cor daquelas flores: tal era o rico presente que Vivili fez a D. Nuno, para servir de incentivo da sua lembrança, e do seu amor.

Estava chegando o dia fatal, em que a política, e talvez o orgulho e vanglória de Pedro de Faria, ia separar dois corações, que a natureza



formara para viverem sempre unidos. Já ao roqueiro Castelo de Guia, fundação de errantes Gregos ou Fenícios, tinha chegado o Conde D. Henrique, o Bispo de Coimbra D. Maurício, e a sua comitiva: adiante tinha vindo o Arcebispo D. Telo, preparar quanto era preciso para a breve demora do Conde e daqueles que o acompanhavam. Apenas em Faria e no Neiva se soube esta notícia, e que a partida estava posta para o primeiro dia depois de 19 do corrente Fevereiro, em que houvesse vento de servir, tudo foram lágrimas, soluços e choros. As mães e os pais sentem a partida de seus filhos: e que diremos dos dois amantes? Bem que um ponto de honra suavisa a sua mágoa, contudo uma ausência e tão comprida, quando só o nome de ausência bastava para os contristar; a ausência, esta mãe cruel da saudade, esta água nevada, que tantas vezes tem apagado o mais intenso fogo de amor, que se lisongeava de ser eterno, se apresenta aos olhos dos dois amantes, como um abismo imenso que os vai separar para sempre: tristes e negros presentimentos assaltavam os dois amantes corações. Os ditos, sempre sinistros, de uma velha de Laundos, terra afamada em feiticeiras, mulher de má cara e catadura, coberta de andrajos, que vinha muitas vezes pedir esmola ao Castelo do Neiva, se avivam agora na lembrança da saudosa Vivili. Esta velha meneando a cabeça muitas



vezes costumava cantar, quando via Vivili com D. Nuno, esta cantiga fatídica, de que os dois amantes não faziam caso, e até se riam.

Um vivo, que morto julgas,  
Como morta te há-de achar,  
Ambos mortos, ambos vivos,  
Vejo dois mortos casar.

Eram ininteligíveis estas palavras; bem desejava agora Vivili saber a sua misteriosa significação, mas a velha tinha morrido, e Vivili tremia desse mistério, que ignorava; semelhante àquele, que no horror de um ermo se sobressalta ao cair de uma folha seca, apesar de ter mil vezes encarado a morte sem amarelecer, assim Vivili, que tantas vezes escarnecera da roufenha voz com que a velha feiticeira cantava os seus vaticínios, agora deles treme, e cheia de cuidado quer-lhe adivinhar o sentido. A cantiga falava em mortos, e D. Nuno parte para terras longínquas, através de mares procelosos; e sabendo que ia entrar nas lides, as mais teimosas, seu coração tudo teme, tudo receia, de tudo se assusta: as mais pequenas circunstâncias eram tema das suas mais sérias reflexões; pois quem deveras ama, tudo teme, tudo receia a respeito do objecto amado.

Chega finalmente o dia 19 de Fevereiro do ano de 1103, dia fatal da partida dos dois jovens,

a fim de estarem prestes para embarcarem, quando fosse tempo. Apenas os dois jovens e seus pais chegaram a Gaia, à presença do Senhor Conde, este tratou a todos, apesar da majestade de Soberano, com a polidez e civilidade de um cavalleiro, e lhes fez todo o bom gasalhado e honras devidas a tão altas personagens. Não tardou que raiasse um dia, que imitava aos da mais amena primavera; o vento fresco era de servir; o sol claro deixava chegar a vista até ao último horizonte, em que o céu parece pegar-se com o mar; os marinheiros subiam às cordas, soltavam as velas que uma aura suave brandamente enfunava, e ao som de buzinas e bélicos instrumentos, o Conde e todo o seu séquito subiram para um navio veneziano, que o Conde para este fim fretara; e saindo pela barra do sul, favorecido de mar e vento, levando e deixando saudades, em poucas horas essa alterosa embarcação parecia apenas um ponto escuro no meio das folgazãs e cristalinas ondulações do vasto oceano. Todos os espectadores vão deixando as eminências e cabeços, aonde a largos olhos espreitavam a esteira do navio, e vão voltando às suas casas, limpando os olhos, e espalhando as saudades, com as esperanças de notícias daqueles que ainda avistavam as últimas eminências dos montes da pátria, que muitos deixam agora, para não tornar mais a ver.

Escusado é dizer-se, que logo que os dois fidalgos chegaram aos seus castelos, as mães dos dois mancebos não cessavam de perguntar notícias de seus filhos e Vivili do seu amante. A saudade, a tristeza, a negra melancolia, e quantos sentimentos dolorosos traz consigo a ausência do objecto amado todos estes sentimentos assaltam a triste Vivili. Aqueles sítios, em outro tempo tão alegres e tão vistosos, perderam agora, aos olhos de Vivili, toda a sua beleza e formosura, porque o sol deste horizonte está longe deste hemisfério. As silenciosas margens do Neiva são um novo pasto à chama abrasadora, que consome o coração da triste amante; pois o deserto é o país do sentimento e do amor; a solidão o afaga, e a falta de objectos não permite distracção.

Ainda o navio em que fôra D. Nuno, não tinha bem perdido de vista o elevado monte de S. Félix, já a triste Vivili estava contando o tempo que faltava para ter notícias do seu amado; e este na sua embarcação não tinha outro alívio senão em pensar naquella que nunca dele se esquecia. Deixemos os dois amantes entregues à saudade, e vamos ver D. Nuno de Faria mostrar o seu valor e correr negros azares nos tórridos areais da Palestina.

Próspera foi a viagem, e os romeiros defensores da Cruz em breve tempo apareceram na Terra Santa; e apenas desembarcaram, foram todos

em procissão até ao Templo de Jerusalém, e os guerreiros preparam-se depois para o combate. Festejada foi a vinda do Conde D. Henrique, não só pela qualidade da pessoa, mas por ser patrício do grande e novo Soberano de Jerusalém, e pelo grande socorro que trazia; grande não no número de gente, mas de grande valia pela qualidade das pessoas das quais se esperavam gentilezas de valor. Quando chegaram os nossos Portugueses, estava o exército dos Cruzados em descanso, por haverem tréguas com o inimigo; mas não tardou que este as quebrasse, e os combates começaram.

Os Árabes julgando os Cristãos descuidados, fizeram uma descida pela cidade de Jope, e vieram, sem resistência, talando as terras que ocupavam os Cristãos. Deu-se rebate, saem as tropas, muitas mal armadas, e todas em desordem. O valente Godofredo põe-se à testa dos Cruzados, e os portugueses fazem uma companhia sobre si; e estes novos vindos pediram e obtiveram a honra de combater na vanguarda. Duro foi o combate: os Árabes eram tropa de élita, e vinham apercebidos; os Cruzados, gente bisonha e moça, não tinham ordem nem disciplina e apenas apresentavam essa força bruta e colossal, que se fosse bem dirigida, podia fazer vacilar os tronos da Ásia; mas que muitas vezes foi destruída, menos pelo número, do que pela arte dos seus adversários. Era este o primeiro recontro em que entrava D. Nuno, e

por tanto era esta a sua acção de estreia: apressado lhe batia o coração no peito mais de gosto que de susto: veste-se com as suas novas e brilhantes armas, cinge a banda que lhe dera a sua Vivili: ah! e antes de a cingir, quantas vezes não beijou este talismã da sua ternura e do seu amor! Penhor querido, dizia ele, da mais bela de todas as damas, fiel representação dos mais íntimos sentimentos da sua alma, que força me não inspiras! Estes amores perfeitos são o símbolo do seu amor que no emblema dessas perpétuas atestam a sua duração; tu és quem hoje me dás valor; tu és para mim uma arma mais forte do que esta espada e do que esta lança... Mais ia dizendo, mas as trombetas já chamavam para o combate; D. Nuno monta apressado num soberbo cavalo árabe, e coloca-se à frente da companhia dos Portugueses; Godofredo de Bulhões teve ocasião de o ver, notou o brilho das suas armas, e o seu aspecto e galhardia marcial.

Apenas se avistou o inimigo, D. Nuno mais valoroso, que prudente, mete esporas ao ginete, enrasta a lança e entra pela vanguarda do exército inimigo; o seu valor pasmou os seus camaradas e os próprios inimigos; mas nesta mesma imprudente valentia bem mostrava ser bisonho e inexperiente na arte da guerra; e se não fossem os mais fidalgos portugueses, que por D. Nuno se expuseram à morte, ele sem dúvida

ficaria oprimido pelo grande número de seus inimigos. Vacilaram por um pouco os esquadrões Agarenos; o braço português parecia multiplicar-se, porque os golpes eram tão amiudados, que pareciam mais que os braços. D. Nuno, à força de impavidez e valor, já tinha aberto caminho até ao centro do exército, os seus o seguem: a esta resolução destemida, o inimigo toma-se de susto, e nem sabe combater, nem fugir; mas logo que viu aproximar-se o exército Cruzado, larga o campo, e foge em vergonhosa debandada, de modo que o exército Cristão parecia ter saído mais para ver aplaudir a vitória de D. Nuno do que para combater os inimigos.

O nome de D. Nuno, abrilhantado com o pasmo que causou o seu intrépido valor, voava de boca em boca; e o mesmo Godofredo de Bulhões, querendo dar ao herói mancebo um público testemunho do seu apreço, destina armá-lo cavaleiro por suas próprias mãos, com a maior solemnidade imaginável, e com outra quase igual os portugueses seus companheiros. Magnífica, como nunca se viu, foi a função; mas não sendo do nosso propósito descrever estes festejos, vamos seguindo o fio, que nos deve conduzir ao nosso fim. Outros recontros teve também D. Nuno, e todos gloriosos, que também deixamos no silêncio.

D. Nuno e D. João Mendes tinham escrito às suas famílias, dando-lhes a notícia de todos os

seus gloriosos acontecimentos, a notícia que muito as alegrou, mas ainda mais as alegrou a notícia que lhes davam, de que breve estariam nos seus castelos, visto que o Conde D. Henrique só esperava moção para embarcar para Constantinopla, e daí para Portugal, trazendo com ele todos os que quisessem voltar à Pátria.

D. Nuno e D. João, que moravam em uma formosa quinta nos arredores de Cesareia estavam-se fazendo prestes para a jornada, quando em um dia, ao romper da alva, as vastas campinas de Cesareia apareceram cobertas de homens armados. Mulei-Aben-Badur, antigo Governador de Cesareia, e senhor de muitas terras e castelos das vizinhanças daquela cidade, capitão experimentado e valente, tinha reunido forças muito consideráveis, para ver se por um feliz golpe de mão, podia surpreender os cristãos, e recuperar Cesareia. Os serracenos, como leões enfurecidos, assaltam a cidade: os cristãos desaparecidos e sobressaltados, sem ordem, e quase sem armas, acodem às muralhas. Nuns o desejo de recuperar o perdido e a ambição da presa; e noutros o amor da vida e o desejo da glória, pareciam dar a uns e a outros forças sobre-humanas. Aonde é maior o perigo, aí acode D. Nuno, que pôde a tempo entrar na cidade; a morte voa por toda a parte: o combate vai sendo demorado, e esta demora dá tempo aos Cristãos de se irem armando e despi-



rem o terror pânico, que a princípio os assaltara. O valor supre o número; os Cristãos já não parecem homens, mas sim leões embravecidos: armas de arremesso voam das muralhas, e a morte vai dizimando os serracenos.

O dia já ia declinando e o inimigo desesperançado de tomar a praça, volta costas, e Cesareia respira desafrentada. Muito valor nasce em qualquer, quando o seu inimigo foge, e como os Agarenos fugiram, crescem os brios nos Cruzados; saem da praça a perseguir o inimigo. Horrível foi a matança; D. Nuno à semelhança de impetuosa torrente, que se precipita, e despenha de alcantiladas serranias, e destrói com igual facilidade tanto o anoso carvalho como a humilde giesta, D. Nuno destrói com a mesma facilidade, tanto o valente que lhe resiste, como o fraco que lhe foge. Imprudente valor o tinha feito alongar muito dos seus, de modo que só D. João Mendes, e alguns poucos mais destemidos e que cavalgavam melhores ginetes, o puderam seguir; e quando mais cedentes iam de sangue, encontram-se com um trosso de tropa de reserva, que estava fresca por não ter entrado em combate e a cuja testa estava Mulei-Aben-Badur. Eram ainda numerosos os inimigos, e a presença do seu valente chefe não lhes permitia voltar as costas. Neste desigual combate é que os jovens cavaleiros conheceram, mas já tarde, que o seu chamado



valor só merecia o nome de temeridade: retrogradar não era próprio de cavaleiros, e menos de portugueses: nenhum recurso lhe resta para salvar as vidas senão a força do seu braço; apertam na mão as espadas, picam os cavalos, enristam as lanças e atacam os inimigos: o temor e a necessidade redobra as forças, mas os inimigos são muitos; Badur os anima com o exemplo e com palavras; o pequeno número dos cavaleiros anima os Agarenos: os inimigos combatem com valentia e o pequeno esquadrão dos imprudentes cavaleiros ficou roto num instante.

D. Nuno, o valente e infeliz D. Nuno, oprimido dos inimigos, cai mortalmente ferido; D. João Mendes chega-se a ele num breve instante, em que os inimigos se reuniram para repelirem um desesperado esforço dos outros cavaleiros. D. Nuno, trespassado de mil golpes, cai desfalecido, e apenas passado um instante, abre os olhos como procurando encontrar alguém; com os olhos embaçados já das sombras da morte, faz sinal a D. João: e no meio de cruéis e mortais convulsões, fazendo um violento esforço, tira a banda que lhe dera a sua amada, entrega-a com a mão ensanguentada e trémula ao seu amigo D. João; e no meio de mortais convulsões que quase lhe embargam a voz, apenas pôde dizer-lhe — À Vivili. — Cai-lhe a mão desfalecida; uma nova e espantosa convulsão o faz tremer em todo o

corpo, e os beijos lívidos e enregelados com a frialdade da morte, pronunciam — Vivili —, ficam abertos, e tremem por um pouco, parecendo querer pronunciar alguma coisa; mas nova convulsão se succede, e à convulsão uma pausa, que parecia ser a última pausa da existência.

D. João, a quem o perigo e risco iminente não permitia muitas demoras, julga que o seu amigo neste fatal paroxismo tinha exalado o último bocejo da vida; recebe a banda amorosa, monta a cavalo, e a custo alcança os seus, que a toda a pressa procuram recolher-se à cidade.

Já o sol tinha morrido no seu ocaso, e a noite já começava: tanto os Cristãos, como os Agarenos procuravam descanso e segurança. Os mortos tinham ficado insepultos no campo da morte, a que a loucura chama o campo da honra; e os feridos, lutando com dores e angústias, invejavam o eterno sono dos seus camaradas, que já não sentem.

Mulei-Aben-Badur, como ficara senhor do campo, vai ao romper da alva, gozar do bárbaro prazer que lhe causa a carnificina da véspera; vai recolher os despojos, buscar os feridos, e mandar enterrar os mortos. Quando Mulei-Badur chegou ao pé do corpo de D. Nuno, não pôde deixar de notar a riqueza da sua armadura e, querendo-a para si, mandou aos seus que o despissem; quando estes o iam fazer, o movimento que lhe deram e

a aura da manhã fizeram-no tornar a si, e ele deu um suspiro com que fez conhecer que ainda vivia. Badur que apesar da barbaridade da sua nação, nada tinha de cruel nem desumano, repara no suposto morto; suas feições, que através da palidez da morte mostravam ser nobres, formosas e gentis, fizeram impressão no ânimo de Badur, e esta vista arrancou-lhe esta expressão: — «Quanto este Cristão se parece com o meu Óscar!» — Badur tinha seu filho Óscar prisioneiro em Jerusalém, e cativar um mancebo tão nobre, como lhe parecia ser D. Nuno, era uma esperança bem fundada de que podia haver uma troca, e seu coração pulava de contente; é por isto que Badur não mandou despir D. Nuno, antes o tratou com todo o desvelo, chamou os seus físicos, e ordenou-lhes que tratassem aquele cativo, como se fosse seu filho. D. Nuno foi conduzido para a tenda de Mulei-Badur; ali os físicos examinam as feridas, julgam-nas perigosas, mas não decisivamente mortais; applicam-lhe os remédios competentes, e dão esperança a todos. Passaram alguns dias; o perigo diminuído, e Mulei mandou conduzir o enfermo ao seu forte e majestoso alcáçar, que distava dali algumas léguas; segurando desta sorte o seu cativo e procurando-lhe na salubridade dos ares, o mais pronto restabelecimento.

O alcáçar de Mulei era, não em povoado, mas num sítio tão encantador e formoso, que se

podia ajuizar com fundamento que semelhante a esta seria a feliz morada de nossos pais, quando foram inocentes. Em uma suave e pequena elevação, que dominava campinas tão formosas como jardins, e tão dilatadas como o mar, cujos extremos o raio visual não podendo transpôr, as julgaria coladas com a orla do céu, estava elevado o soberbo e formoso alcáçar de Badur: um ribeiro tão luzente como o cristal serpenteava por entre os seus pomares e jardins. Bosques, fontes, alamedas, árvores e plantas as mais esquisitas, e tudo quanto o gosto e pompa asiática pode reunir para ostentar luxo e deleitosos sentimentos, tudo ali se via reunido: foi para este palácio, que parecia edificado por alguma fada para deleitosa morada de algum príncipe seu amante, que Mulei-Badur mandou conduzir D. Nuno, enquanto ele ficava ocupado nas lides marciais.

Zéfir, que na língua arábica significa — sol —, filha predileta de Badur, estava só no alcáçar com escravas, e eunucos, quando chegou o Cristão enfermo. Zéfir, a quem com justa razão puseram o nome de Sol, porque a sua beleza a tornava mais formosa do que o mesmo radioso sol da Ásia, era um composto de tudo quanto a natureza pode juntar de mais belo, para formar um ente perfeito: nesta figura soberanamente bela estava encerrada uma alma ainda mais bela. No seu coração de pomba ainda o ímprobo amor não

tinha empregado os seus envenenados farpões: a existência para esta feliz criatura era como um longo sonho de venturas, em que nem o passado, nem o futuro causam receio, remorso, nem incômodo; mas o acordar desta feliz sonolência de alma já não está longe; e quanto este acordar não será terrível, quando a paixão é quem desperta!

Apenas chegou D. Nuno ao alcáçar de Badur, os escravos, segundo as ordens do seu senhor, começaram a tratar o enfermo com todo o cuidado e desvelo; e Zéfir, apesar de mulher, não teve a curiosidade de ver o novo vindo; e também como seu pai estava ausente não julgou acertado visitar um cativo, com quem não podia falar por ser cristão.

Passado algum tempo, porque houveram tréguas por alguns dias, Mulei-Badur veio ao seu alcáçar, para ver o seu ilustre cativo, em que punha as suas esperanças de servir para o resgate de seu filho, e dar ordem aos seus negócios domésticos.

Já D. Nuno estava convalescido, e os físicos aconselhavam o passeio: Mulei-Badur sendo informado disto, foi ao aposento de D. Nuno, e levou-o na sua companhia a passear aos seus jardins. O dia estava formoso; a estação era a das frutas e das flores. Zéfir com as suas escravas, andava colhendo frutas para ornar a mesa de seu pai. Mulei, ou fosse por acaso, ou pelo

gosto de ver sua filha, ou enfim pela vaidade de mostrar a D. Nuno que era pai da mais formosa criatura que pisava o solo da Síria, dirigiu o passeio por onde andava Zéfir; ela estava entretida no seu gostoso trabalho, e por isso não percebeu a chegada dos dois passeantes, que pisando uma relva tão macia como o veludo, mal podiam ser sentidos.

Já se disse que Zéfir não tinha ainda visto D. Nuno: a sua inocência, a sua educação, e os preceitos da sua religião tinham obstado à sua curiosidade; e nem dos seus escravos se tinha informado das qualidades de D. Nuno.

O cavaleiro de Faria, para mostrar quanto prezava a honra, que lhe fazia seu senhor, e também por uma espécie de vaidade de nobreza, e até de mocidade, vestiu-se para o passeio como se fosse para assistir ao solene beija-mão de algum monarca: D. Nuno tinha toda a sua mobília, pois como Mulei-Badur tinha ficado senhor da casa de D. Nuno, que, como se disse, ficava nas imediações de Cesareia, mandou-lhe entregar tudo quanto lhe pertencia. Alto, gentil, majestoso, desembaraçado nos seus ademanos, que indicavam a nobreza da sua educação e da sua alma, faces coradas, tez não muito alva, mas um pouco tostada; cor ordinária de saúde, e dos povos do Minho, cabelos castanhos claros; olhos vivos, cheios de alma e energia, nariz bem feito, mas um pouco aquilino;

boca mediana, e em tudo bela: tal era a figura de D. Nuno, que recebia um novo realce do seu vestido de seda aleonada, batida a ouro, com passadores do mesmo metal, um gorro de veludo negro, bordado a ouro, e na frente uma alvíssima pena de abestruz, engastada em uma estrela de brilhantes de grande preço, e esquisito gosto: tal o traje com que D. Nuno saiu a passeio na companhia de Badur, que também ia vestido no maior gosto e riqueza oriental.

Mulei e D. Nuno chegam ao sítio aonde estava Zéfir colhendo o fruto mimoso dum damasqueiro; e Badur vendo que não fôra sentido, sorrindo-se diz: — Zéfir! — e Zéfir volta a cabeça, e sobressaltada de prazer, exclama: — Meu pail... — Nisto dá com os olhos em D. Nuno, fica surpreendida por esta vista inopinada, e pela bela figura do gentil mancebo; o pejo lhe cora as faces, e a voz se lhe embarga na garganta. Seu coração palpita, bate-lhe apressado no peito, e este estado, para ela totalmente novo, faz-lhe entender que o seu coração perdera a feliz tranquilidade, de que até então tinha gozado a triste Zéfir! ignora a causa do seu novo modo de existir, porém cedo o saberá! D. Nuno não fica menos surpreendido da pasmosa beleza de Zéfir, do que esta ficara pelo ver: sua boca ia significar-lhe a sua admiração, e os seus respeitos, mas o receio de se fazer suspeito



a Badur, obrigou-o a limitar-se a um breve cumprimento em respeitosas expressões.

Badur, que desejava ostentar aos olhos de D. Nuno todo o seu luxo e magnificência, vai-o conduzindo pelo longo espaço do seu delicioso jardim; e Zéfir, como alienada e pensativa, foi-se recolhendo ao seu Harém. D. Nuno distraído em todo o passeio, não dava a menor atenção aos discursos de Badur, e aos encantadores sítios por onde ia passando: Zéfir era a sua única ideia, a sua bela figura, o único objecto que a imaginação lhe trazia aos olhos; enfim, a fatal impressão que ela fizera na sua alma, arrebatava todas as suas faculdades.

Não achava D. Nuno outro antídoto para rebater os assaltos que a beleza de Zéfir dera à sua constância, senão repetir mil vezes — *Zéfir, tu és formosa, mas não és Vivili*. Como absorto em profundas cogitações, o cavaleiro de Faria volta ao seu aposento.

Deixemos D. Nuno e Zéfir apaixonarem-se mutuamente, deixemo-los fazer a noite, única confidente de seus amorosos padecimentos, de seus interiores combates, de seus ais, e seus suspiros: vamos ver as duas famílias de Faria e Neiva.

Já vimos que D. Nuno de Faria ficou no campo da batalha, coberto de feridas, e desamparado como morto. Como os Agarenos ficaram senhores do campo da batalha, supuseram os Cris-



tãos que os mesmos Agarenos sepultariam os mortos, como na verdade sepultaram; e por isso quando foi ocasião de puderem sair, não trataram de saber notícias de D. Nuno, que julgaram enterado, nem doutros illustres cavaleiros, que com o seu sangue illustraram a pátria, e o estandarte santo da Cruz.

Corria o ano de 1105; o Conde D. Henrique, com quase toda a comitiva que levara, tinha voltado a Portugal, e D. João Mendes tornou para o seu Castelo do Neiva, rico de honras, e portador de tristes novas. Antes da chegada de D. João, já as famílias de Faria e Neiva, tinham tido notícia da infausta morte de D. Nuno, mas num tempo em que não havia gazetas, e as notícias eram sempre tardias, alteradas, e muito incertas, e muito mais de terras tão longínquas, e a falta de navegação, tudo concorria para fazer julgar que a notícia da morte de D. Nuno talvez fosse uma dessas notícias vagas, que a falsidade inventa, e o receio acredita: nestas cogitações estavam as duas famílias nutrindo a esperança, este último sentimento dos aflitos, de que talvez a morte de D. Nuno fosse uma ficção ou engano.— Quem sabe, dizia D. Mem Gonçalves à família de Faria; quem sabe se D. Nuno se extraviou dos seus, ou se ficou ferido no campo: e os nossos, retirando-se, o julgariam morto, e depois ele aparecia: e, como não vieram mais notícias, esperemos que elas ve-

nam, e certamente elas nos serão satisfatórias. — Aqui contava o antigo Capitão vários sucessos iguais a este, acontecidos no tempo das suas guerras, em que depois apareceram vivos aqueles que se julgavam mortos: estas razões consoladoras e plausíveis mitigavam a dor das duas famílias igualmente pesarosas, e faziam-lhes conceber um vislumbre de esperança consoladora; só Vivili, a desalentada Vivili não achava nas razões do pai senão sofismas especiosos: os corações dos amantes costumam ser feiticeiros, e o coração de Vivili só antevia desgraça certa, aonde os outros ainda viam esperanças de ventura.

A chegada de D. João Mendes veio dissipar as tão mal fundadas, quão lisongeiras ilusões. D. João contou fielmente tudo quanto se passou na morte suposta de D. Nuno: banhada em lágrimas o ouvia Vivili; mas quando seu irmão lhe apresentou a banda fatal, tinta do sangue do seu amante, caiu desfalecida, coberta do frio suor da morte; em todo o castelo não se ouviam senão suspiros e tristes lamentos; e as duas famílias, em vez dum contavam com dois lutos; mas o bom Randulfo, antigo e fiel criado da casa do Neiva, monta num ligeiro cavalo, leva outro à dextra, e corre a Barcelos a chamar Mestre Levi, físico afamado, que se dizia correr parelhas com o próprio Hipócrates. Chega o médico, empenha o seu saber, aplica remédios, e enfim Vivili torna a si, e tão desfi-

gurada e fraca ficou do seu fortíssimo ataque, que parecia voltar do país dos mortos à região dos vivos. Longa foi a moléstia, e mais longa a convalescença, se é que se pode chamar convalescença a um contínuo estado mórbido, e uma tristeza habitual.

Já nos vastos salões do castelo do Neiva não se ouvia mais retinir a subida voz de Vivili, acompanhada do seu bandolim: um ai, tirado do fundo da alma, um suspiro mavioso e surdo, eram os únicos ecos que interrompiam o profundo silêncio que ali reinava; pois os mesmos pais de Vivili por muitas razões tomavam parte nos desgostos de sua filha: os senhores de Faria já não vinham tantas vezes ao castelo do Neiva, nem os senhores deste frequentavam tanto o de Faria; e quando as duas famílias se reuniam era só para chorarem, e carpirem-se mutuamente. Tal era o viver destas duas famílias na Europa; vamos ver qual era o viver de D. Nuno no seu cativeiro na luxuosa Ásia.

Ainda a estrela da alva não tinha reflectido sua luz formosa e débil no cimo dos outeiros, e já Zéfir costumava deixar o sofá em que dormia, para só e silenciosa encostar-se às grades da sua janela, olhando sempre fixa para o sítio aonde na véspera tinha visto passear o cavaleiro de Faria. — Quem será, dizia ela consigo mesma, quem será aquele cavaleiro tão formoso, de porte tão nobre e majestoso, que parece ser o mesmo anjo da

felicidade? Talvez o desejo de merecer alguma dama o obrigaria a vir quebrar lanças contra os nossos! Seu coração sem dúvida não é só dele... Triste e pensativa, e suspirando muitas vezes... ah! ele sofre, ele ama! Se ele não amasse! Mas não! Ame embora... As nossas religiões proíbem unir as nossas sortes... ele é, como os seus, inimigo do nosso santo profeta, e eu devo aborrecê-lo. — Levanta-se, passeia agitada pelo seu aposento, torna à janela, volta para dentro, e nem sabe o que quer, nem o que lhe falta: ainda é antemanhã, e parece-lhe que as suas escravas tardam para a pentear; deseja, e teme que elas cheguem. Chegam as escravas e admiram-se de a verem tão cedo a pé. Zéfir, como envergonhada, diz para Aben-Aja, ama que a tinha criado e sua escrava querida: — Como tão cedo vens hoje perturbar o meu sossêgo? — Beleza dos astros, diz Aben-Aja, à tua escrava parecia que até já era tarde; talvez o condenado Eblis, com suas artes malfazejas, viria incomodar-vos com sonhos assustadores: vinde ao jardim tomar o fresco da manhã, e talvez vos achareis melhor. — Como os amantes são sempre inquietos, e ora querem o que logo desprezam, e desprezam o que logo querem, e tudo os enfastia, a não ser a presença do objecto amado: Zéfir, que ainda há pouco aborrecia a presença de Aben-Aja, agora a quer e

estima: sem dizer palavra, sai do seu aposento, e desce para o jardim.

Mais cedo que Zéfir, já D. Nuno, a quem a noite parecera o arremedo da eternidade, tinha descido para o jardim, acompanhado do seu guarda Zoleiman: este Zoleiman era um renegado, confidente de Badur, e de quem logo mais largamente se falará. D. Nuno estava vestido todo de branco, e recolhido em uma casa formada de alvíssimos jasmims e rosas de Alexandria, mútua e graciosamente entretecidas; esta era uma das casas de fresco que estavam em várias paragens do jardim, assombradas por acácias e caneleiras, e por várias árvores das mais esquisitas do Oriente, o que tudo formava lugares de inexplicável prazer e delícias. O chão tapetado de relva e pequenas flores, que tudo imitava as ricas alcatifas da Pérsia era humedecido por pequeníssimos e imperceptíveis arroios, que, como veias, levavam a frescura às flores e à relva: mil aves da mais brilhante e formosa plumagem, que vinham esconder-se dos ardores do sol entre as folhas daquelas árvores, pareciam pomos que pendiam das mesmas árvores: um jorro de água, que subia tão alto como as mesmas árvores e se desfazia como em chuva, servia de lhes refrescar as últimas vergôntes: e os passarinhos, sendo dela salpicados, estavam alegres, espanejando-se ao mal quebrados raios do sol. Bancos de cheiroso cedro serviam de descanso a

quem passeava no jardim: em um destes bancos, na bela casa de fresco de que acima se falou, estava sentado D. Nuno, conversando com Zoleiman, tomando o fresco em uma manhã de verão. Por um travesso de rua chega Zéfir, e encara com D. Nuno, que estava na casa de fresco: este levanta-se, e ambos, como se fossem estátuas, ficam imóveis e pasmados: quem os visse, diria que eram duas estátuas de mão de mestre que o senhor do jardim ali tinha colocado para ornato de tão formoso sítio. Zéfir não sabe o que fará; o sangue se lhe altera, o rubor lhe sobe às faces, e o coração bate-lhe tão forte, que parece querer saltar fora do peito: quer retirar-se, mas os pés se lhe pegam no chão; seu desejo é não sair da presença do formoso cavaleiro, por quem tão longos insónios tem sofrido; D. Nuno estava sobressaltado como Zéfir, mas enfim rompe o silêncio.

— Sultana das Flores, diz D. Nuno, a vossa presença adoça a dureza da minha triste sorte; e quem pode na vossa presença deixar de ser feliz? Os sonhos maus desta noite me obrigaram a vir mais cedo ao jardim buscar na brisa da manhã a frescura que restaura a vida; mas no feliz encontro que agora tive, em vez de uma recuperei mil vidas: na vossa presença acabam os males e começa a ventura...

— Cavaleiro Cristão, interrompeu Zéfir, vós verificais, no dizer dos vossos lábios, o defeito que vos notam de serdes vós os europeus muito lisonjeiros: às damas da vossa pátria podeis dizer tanta impostura; nestes países ditosos reina só o sentimento e a verdade.

D. Nuno, soltando um suspiro, diz:

— Sultana da Flores, beleza sem igual da Ásia, sabeí que nos meus lábios não assoma a mentira, e nem ela é precisa, quando faço o elogio da vossa beleza: vós excedeis quanto os olhos têm visto mais formoso e mais gentil; e se acaso em alguma coisa eu falto à verdade, é por não dizer todas as perfeições que vos adornam; mas o que os olhos vêem e o coração sente, não o podem os lábios dizer...

— Basta, diz Zéfir; as vossas palavras são-me suspeitas; mas mesmo quando o não fossem, nenhuma utilidade me resultaria de ouvir as vossas lisonjas, ou, como lhe chamais sinceros elogios: ide fazê-los a essa dama europeia, por quem de certo são os suspiros, que de contínuo vos vejo exalar...

— Bela Zéfir, anjo do Paraíso, disse com ímpeto D. Nuno; sim, eu amo eu suspiro... meus ais e meus suspiros dirigem-se ao último ponto da Europa, mas vós, sultana formosa, também me arrancais suspiros... Sim, eu suspiro, e com razão, suspiro por não ter dois corações, um para



dar àquela a quem jurei nunca deixar de amar, o outro para vos oferecer; sim a vós, que sois a soberana dos destinos de quantos têm a dita de vos ver. Vossa beleza tem feito vacilar minha consciência; quando fiz meus juramentos, não vos tinha conhecido...

Nisto chega um eunuco a dizer a Zéfir, que seu pai tinha chegado do acampamento e que queria vê-la; Zéfir partiu imediatamente, e assim por esta vez acabou este diálogo; outras vezes ele se repetiu, quase sempre no mesmo sentido: isto é, Zéfir como amante apaixonada e verdadeira, mas circumspecta; D. Nuno lutando a favor da sua primeira paixão, contra os ataques que lhe faziam a beleza, os encantos e as nobres qualidades de Zéfir.

D. Nuno via sempre com pesar ausentar-se a bela Agarena. Desde que deixara as rústicas e solitárias margens do incógnito Neiva, nunca beleza alguma lhe parecerá tal: Vivili, a sua cara Vivili, essa cujo amor data com a existência, jamais se ausentara do seu coração e da sua ideia; mas Zéfir, essa formosura oriental, essa dama, reunião de todas as perfeições possíveis, tinha feito um certo transtorno nos seus pensamentos, não que eles tivessem outro objecto que não fosse Vivili; mas Zéfir não lhe esquecia, desejava vê-la muitas vezes, e seu coração palpitava só ao lembrar-se dela.



Os dias, e mui largos foram eles! os dias do cativoiro foram correndo; um ano sucedia-se ao outro, e foi havendo certa familiaridade, e já se ajustavam dias e horas de se encontrarem no jardim; e à proporção que as vistas se foram multiplicando, crescia a paixão em Zéfir e diminuía a indiferença em D. Nuno: o tempo, a distância e uma longa ausência são o gelo do amor; apesar de ser ele uma chama, estes três inimigos se o não apagam, como não puderam apagar no coração de D. Nuno, sempre minoram a sua cruel intensidade.

Um dia em que D. Nuno e o seu guarda Zoleiman estavam em um bosque de delícias, chega Zéfir, senta-se ao lado de D. Nuno; e como Zoleiman andava ocupado em colher pomos e flores, Zéfir vencendo o pudor próprio do seu sexo, pudor que sempre se vence quando se ama, assim começa:

— Cavaleiro da Cruz, já o tempo te terá mostrado, que tu não és indiferente à filha de Badur; tu és seu escravo, a sorte das armas assim o permitiu, mas a força do destino me fez tua cativa: de ti depende a liberdade de nós ambos. Ouve: vagas notícias correm, e as notícias más sempre são certas, de que meu irmão único morreu no poder dos teus: o teu cativoiro e a tua sorte vão ser piores do que até agora têm sido; fico pois eu herdeira de toda a casa de meu pai, e

nós, ligando as nossas sortes, podemos fazer a felicidade dos nossos dias: tudo depende do teu assenso.

Calou-se Zéfir; e D. Nuno que de modo algum esperava semelhante declaração, ficou extático e mudo: na sua alma atribulada sucediam-se mil diferentes e opostos sentimentos. Trocar o cavaleiro pela liberdade, era um encanto sedutor: riquezas imensas, estados dilatados faziam bem esquecer o apoucado castelo de Faria, seu ermo e insignificante território: ter por consorte a maior beleza talvez de toda a Ásia, que seduções, que encantos, que mágico prestígio para o coração dum mancebo já sobejamente inclinado àquela que tantos bens lhe ofertava! Mas Vivili! Os mútuos juramentos, as mútuas promessas! Viria ele à Ásia para ser infiel àquela a quem na Europa jurara amor eterno, amor que na mesma Ásia se vinha enobrecer com nobres feitos de valor?

Aquele amor que nascera no berço de ambos, que se fortificara com o tempo junto às margens do Neiva, viria morrer às mãos da deslealdade, e do interesse nas poéticas margens do Jordão? — Não, dizia D. Nuno consigo mesmo no embate das suas paixões, não, nunca um filho de D. Pedro de Faria, nunca um cavaleiro como eu será capaz de cometer uma perfídia, a troco mesmo de todos os tesouros do mundo... não quero ser grande entre os bárbaros, ficando ignóbil entre os meus.

Ânimo, coração! Vivili, cara Vivili, perdoa esta minha hesitação: hesitar na minha con tância foi um crime, mas eu vou já expiá lo.

— Formosa Zéfir, diz D. Nuno, os favores da tua grandeza excedem as esperanças do teu escravo: mas sabei bela Zéfir, que eu não posso aceitar a inapreciável oferta do teu coração, porque não posso dar-te o meu em troca. U na dama do meu país, e que viu o dia pouco depois de mim, data o seu amor para comigo, desde o momento em que a sua frouxa razão lhe disse que existia; e o meu amor para com ela conta também a mesma idade: nossos pais esperam ansiosos o dia feliz do nosso enlace: eu não posso faltar nem à minha palavra, nem à minha amante. Feliz e mil vezes feliz seria eu se pudesse livremente dispor do meu coração; mas deveres tão sagrados obrigam-me a não aceitar a maior de todas as venturas, que me oferece o mais perfeito de todos os entes, para ir na Europa cumprir a minha palavra. Sultana da Flores, eu seria indigno de ti, se o interesse me fizesse fingir o amor; e se a minha sinceridade pode ter algum mérito aos teus olhos, e que queres fazer feliz, alcançai-me de vosso pai a liberdade de voltar à minha pátria: as bênçãos da minha família e da minha amada...

— De tua amada! — diz Zéfir — da tua amada! Não, cavaleiro, não: nunca Zéfir concorrerá para que tu me dês uma rival. E podes-te lembrar que

foi outra voz diferente da do amor quem te propôs o nosso enlace? E podes, inconsiderado cavaleiro, podes lembrar-te que a filha de um príncipe, que teve a fraqueza de querer engrandecer um escravo, desça até à baixeza de dar o seu amante aos braços de uma rival? A prova mais decisiva de que eu te não amava, era condescender com o que me pedes: não, D. Nuno, eu não concorrerei para o teu livramento: serás sempre meu escravo, embora não sejas meu amante: pensa bem em tudo o que te propus, e depois que a reflexão te ensinar quais são os teus verdadeiros interesses, serás menos caprichoso.

Dito isto, Zéfir ausentou-se. D. Nuno só com Zoleiman ficou pálido e meditabundo; com os olhos fitos no chão, repetia com amargo acento estas ameaçadoras expressões de Zéfir — *Eu não concorrerei para o teu livramento, serás sempre meu escravo.* — Sempre escravo! repetia muitas vezes o consternado D. Nuno. Zoleiman, que até ali o tinha mudamente contemplado, chega-se a ele e assim rompe o seu silêncio:

— Cavaleiro de Faria, tempo é de mostrar tal qual sou, e não qual te pareço. Em mim tu vês um renegado; mas este sinal (e tirou do peito uma pequena cruz de ouro em que estava cravada uma imagem de Cristo do mesmo metal), este sinal divino assaz te patenteia, que adoro, como tu, este que morreu por nós: agora já vez que

sou cristão, que podes ter confiança em mim, apesar das tristes aparências em que me vês, a que uma forte razão me obriga, como tu já vais saber. Eu vou confiar-te o maior segredo da minha vida, do qual depende o teu e meu livramento: no decurso dos anos que aqui estás, tenho estudado o teu carácter; e procurar sondar até que ponto chega a tua honra; tenho-te achado em tudo nobre, e por isso te escolho para me ajudares a levar ao fim o grande projecto que há muito tempo medito: não obstante porém o bom conceito que de ti formo, exijo, que como cristão e como cavaleiro, me prometas guardar o mais inviolável segredo a respeito de quanto vou comunicar-te.

— Sim, diz D. Nuno, pelo sangue precioso com que um Deus Salvador remiu o mundo, pela honra de meu pai e minha, e à fé de cavaleiro, eu te prometo, guardar o segredo que de mim exiges, não sendo para encobrir acções vis ou criminosas.

— Pois bem, diz Zoleimam; saberás, meu D. Nuno, que eu nasci nas Astúrias; de uma família abastada, e que não blazonando de ter por tronco D. Rodrigo ou D. Pelaio, contudo não era da raça dos plebeus; meu pai era cavaleiro, e eu o era também; meu nome é D. Inigo Gonçales. As nossas terras estavam nas cercanias do castelo de D. Pedro de Cortijos, nobre senhor, por se

dizer parente em linha colateral, do príncipe D. Pelaio, altivo, orgulhoso, valente e insupportável aos seus iguais, e tirano com os seus inferiores, mas adulator e vil com aqueles de quem dependia; nós éramos muito mais ricos do que ele, mas não tínhamos nem a sua vaidade, nem a sua nobreza. Este senhor tinha uma filha formosa e linda, mas tão orgulhosa e altiva como seu pai: como nós éramos da mesma idade e vizinhos, e eu costumava todos os dias ir para o seu castelo brincar com seus irmãos e com ela, fomos-nos inclinando um para o outro: chegados à idade em que nascem as paixões, em mim nasceu a do amor e em Elvira a do fingimento e da impostura; e levou-a tão longe, que se fingiu apaixonada, e certificou-me que era amado; fui tão fraco, que assim o acreditei, porque ela sabia como todas as mulheres affectar o papel de amante. D. Pedro de Cortijos, que com as suas extravagâncias se havia tornado pobre, tinha muitas precisões e poucos meios de as satisfazer; ia cortejar meu pai e importuná-lo, e este sempre o remediava. «Gonçalo, dizia D. Pedro, tu não és cá da minha casta; tu não és rico homem nem infanção; porém não és peão; tens militado no foro de cavaleiro, já te vais chegando aos nobres; tens-te distinguido na guerra e teu filho tem feito experimentar aos mouros quanto pesa o seu braço e como é aliada a sua espada: eu em breve vou à corte,

exporei a El-Rei, meu primo, quanto convém animar com graças, jovens de tal têmpera; e por informações minhas e até para me obsequiar o rei fará teu filho pelo menos seu vassalo, e então poderemos casar o teu Inigo com a minha Elvira: como és bastante rico, deves desempenhar a minha casa, e se alguém reparar nesta aliança, como o dinheiro cobre tudo, eu não fico deslustrado; todos sabem pelo que foi e eu fico desempenhado e teu filho fica chegado aos nobres.»

Meu pai, homem chão e desmaliciado agradecia muito a D. Pedro estes supostos favores, que só mereciam as mais ásperas e severas reprehensões. Eu e D. Elvira ouvíamos muitas vezes estas conversas; e como elas favoreciam a minha paixão, bem que fariam o meu pundonor, saltava de contente; e a impostora Elvira parecia tomar parte no meu prazer. Quantas vezes essa pérfida, vil e fementida, me dizia: «Querido Inigo, quanto sinto ser filha do senhor de Cortijos e Bierço. Quanto me não julgaria mais feliz em ter nascido de um peão, que vive sem nome, escondido nos tugúrios, do que ter nascido no castelo de meu pai e viver sem til! Então nada, senão a minha pobreza, obstaria ao nosso consórcio: minha virtude e meu amor me serviriam de riquezas: como tu és generoso não quererias de mim outros bens para ser tua consorte, senão a firmeza do meu amor. Não é assim querido Inigo?» Apertava-me



a mão entre as suas de neve, e parecia desolar-se em pranto. Eu acreditava sinceras as suas expressões, e quem não as acreditará! Mas a impostora tinha aprendido com o pai perverso a ser refalsada. Eu desfazia-me em finezas; repetia-lhe as esperançosas palavras do soberbo e mentiroso Cortijos e todos os dias esperava que fosse à côrte tratar dos seus negócios e da nossa ventura, mas o dia nunca chegava.

Neste entanto appareceu nas Astúrias D. Raimundo, conde de Tolosa e S. Gil, e um sobrinho seu, que vinham juntar gente para irem na primeira expedição para a Terra Santa. Estes dois senhores foram pousar ao castelo do senhor de Cortijos. Mr. de Linhé, sobrinho de Raimundo, era um cavaleiro esbelto, formoso, com todo o desembaraço próprios dos militares e dos francezes, e pouco mais velho do que eu: este cavaleiro era tão occupado do amor, como da guerra.

A infiel Elvira, apenas viu Linhé, desprezou-me! O fancês leu fácilmente nos olhos de Elvira os ternos sentimentos da sua alma; fez a sua declaração amorosa, e foi atendido; e nem soffreu da perversa aquela primeira repulsa, que toda a mulher, ainda a menos pudica, costuma dar ao homem que tão cedo se atreve a dizer-lhe que a ama. Linhé disse que a amava, e a resposta foi que era também amado. Esse francês aventureiro abusou da hospitalidade... roubou Elvira, mar-



chou para França e ambos embarcaram para a Palestina nessa primeira expedição dos primeiros cruzados.

D. Nuno, diz Zoleiman, se acaso tens amado, considera qual seria o desgosto do aviltado Inigo! sem a amante e desprezado, tragando toda a amargura duma aleivosia e traição, feito a fábula do público, a quem os nossos amores eram patentes! Ferido no meu melindre e amor próprio, bramindo de raiva e sem poder satisfazê-la... ah quantas amarguras e desesperação pode oferecer a um infeliz, todas eu traguei... e sem queixar-me senão ao céu e à terra, porque os homens mofavam de mim e em ninguém achava sinceridade ou alívio. Largo tempo meditei que vingança tomaria: mas aonde encontrar as minhas vítimas? Lembrei-me enfim vir à Palestina a ver se cá encontrava os dois amantes fugitivos e poderia vingar-me de ambos. Se eu me alistar, tinha planejado, se eu me alistar na tropa dos Espanhóis e Godos, que pertencem ao comando do conde de S. Gil, fácil me será saber onde está o sobrinho e a sua dama: o tio levou a mal a acção do sobrinho: mas decerto já estarão congregados, porque o furto duma mulher não é crime de grande monta aos olhos dum militar; se encontrar os dois amantes, procurarei lavar a minha afronta no seu impuro sangue, e se não for

feliz no resultado da minha empresa, sempre terei o gosto de morrer vingando-me.

«Com estas ideias embarquei-me como romeiro para a Palestina, e procurei alistar-me na divisão dos Espanhóis; com efeito, Linhé comandava um troço desta tropa, mas eu busquei não pertencer ao troço do seu comando: fingi que por voto rapara as barbas, e assim fiquei mais desfigurado, e por isso não era fácil reconhecer-me, e como eu não pertencia ao comando de Linhé, não podia ser notado entre milhares de combatentes um mancebo sem nome, vindo, há pouco, das mal conhecidas montanhas das Astúrias. Algum tempo se passou todo consumido em marchas, contra-marchas, e no bulício das armas, e por isso não podia ainda bem saber quanto desejava; até que afinal vim a saber que D. Elvira seguia Linhé por toda a parte, e com ele estava na mesma tenda, quando as tropas estavam acampadas. Era isto o que eu pretendia saber, e então só me faltava a ocasião de pôr em prática os projectos da minha vingança, e não se passou muito que ela se não proporcionasse.

«Estávamos acampados nas imediações de Belém; o inimigo estava-nos flanqueando, e todos os dias de manhã cedo era preciso sair ao campo uma força considerável para o desalojar das posições que tomava durante a noite. Andava eu de alcateia, espreitando quando Linhé saía à

frente da sua tropa: chegou o dia por que eu tanto suspirava. Linhé saiu em uma descoberta, à frente de sua tropa, e à sua tenda ficou de guarda um galego, com quem eu tinha algum conhecimento: como ele não suspeitava nada de mim, foi-me fácil persuadi-lo a que me deixasse entrar, fingindo trazer ordens particulares de Linhé para a sua dama: o inimigo appareceu hoje em grande força, lhe disse eu; quem sabe qual o resultado do combate! Por isso é preciso prevenir D. Elvira para qualquer triste e imprevisto successo. Em vista desta minha ficção, que tinha todos os visos de verdade, o galego não duvidou em deixar-me entrar, e até estimou que eu entrasse para ele dormir a sono solto, e ressarcir-se da vigília da noite, que tinha mal passado. Entro na tenda, desembainho um punhal, e vendo D. Elvira deitada no leito do meu rival, todo o sangue se me altera e sobe ao rosto; o coração bate-me apressado no peito ansioso, eu tremia de raiva em todo o corpo.

«D. Elvira dormia, e eu, levantando a voz disse-lhe:—«Mulher infame, conheces o homem a quem tão pèrfidamente traiste?» D. Elvira, sobressaltada, abre os olhos, fita-os em mim, como procurando afirmar-se para me reconhecer.

— «Sim, digo eu com voz alterada, sim, sou D. Inigo, aquele...» A estas palavras, a orgulhosa,

pensando talvez estar no seu castelo de Cortijos, diz-me com toda a altivez:

— «Quem te deu a ousadia de penetrares, a estas horas, na tenda do senhor de Linhé? Miserável, aparta-te daqui, foge deste lugar, para onde nem sequer deves olhar: retira-te já, e reconhece como um favor o eu conceder-te a vida; mas se tiveres segunda vez igual audácia, farei que a não possas ter terceira.»

«D. Elvira falava assim tão arrogante, porque, sem dúvida, não havia reparado para o punhal que eu tinha na mão: talvez ela se persuadissemos que eu vinha exalar queixumes, e exprobar-lhe com amoroso sentimento a sua antiga infidelidade; e como me julgava desprezível por não ter, como ela, a bem ou mal fundada vaidade de descender do sangue dos Godos, que desceria até à baixeza de lhe pedir a continuação do seu amor; contudo seu rosto e voz notavelmente se alteraram, quando, chegando-me para o leito, levanto o braço, e ela me divisou empunhando o ferro vingador e mortífero: a ingrata tremeu, ficou espavorida, os beiços se lhe contraíram, e não pôde articular palavra:

Eu então lhe disse: — Mulher infame e desleal, não quero que me concedas a vida, eu venho buscar a tua, e no teu vil sangue vingar a minha afronta: reconhece-me bem, reconhece D. Inigo, a quem longo tempo enganaste, e por

fim traiste: daqui a poucos instantes já não existes: e sabe mais, que teu vil amante em breve te vai fazer companhia. Se não nasci do sangue Godo para te merecer, a natureza me dotou dum coração nobre para me saber vingar: morre, infame!

E cravo-lhe no coração fementido o punhal assassino: Elvira deu um ai, e deixou de existir.

«Tratava eu de sair da tenda, mas no mesmo instante entrou Mr. Linhé: pois como o inimigo se tinha retirado, ele deixou o seu segundo, e a tropa em observação, e adiantou-se. O galego que estava de sentinela, como disse, entregou-se ao sono, e Linhé entrou sem o acordar, e por isso não senti a sua chegada senão quando entrou na tenda: apenas entrou, olhou para mim cheio de cólera, julgando-me talvez algum rival, a quem na ausência dele, a sua infiel amante ali introduzira furtivamente; mas lançando os olhos para o leito de Elvira, viu-o todo ensopado em sangue. Ah! meu D. Nuno, não é fácil descrever as violentas paixões da alma, que lhe assomam no rosto, apenas viu morta D. Elvira: furioso e delirante, desembainha a espada e corre sobre mim, mas eu já tinha também desembainhado a minha, e apa-rei-lhe o golpe: então me diz ele:

— «Vil, atrevido, e infame cavaleiro, se acaso o és (ele não me conhecia); que audaz intento te levou a cometer uma acção tão feia? Vinhas sem

dúvida abusar de D. Elvira; ela repeliu-te, e tu, miserável, assassinaste-la?»

— Não, cavaleiro, lhe disse eu; D. Elvira devia-me uma dívida, que tu ajudaste a contrair; vim buscá-la, pagou-me a sua quota, e tu em breve vais pagar-me a tua: prepara-te, que vou no teu sangue lavar a minha injúria; prepara-te e combate.

— «Não o duvido, diz Linhé, mas declara-me primeiro esse mistério, que não compreendo.»

— Não duvido fazê-lo, disse eu; escuta: D. Elvira era minha vizinha nas Astúrias: desde o berço disse que me amava, e eu amava-a com toda a finura do amor; seu pai tinha-ma prometido em casamento, quando tu e teu tio chegaste ao seu castelo; tu seduziste-la, roubaste-ma, e com ela a minha honra; honra que só o teu sangue me pode restituir: quanto a mim, o morrer ou viver é-me indiferente: se morrer, morro contente, pois morro buscando a honra, se te matar; a tua morte será uma expiação devida ao ultraje, que me fizeste: eia, empunha a espada e combate comigo, que, como tu, sou cavaleiro.

«Linhé aperta a espada, e põe-se no recto; eu fiz o mesmo. A vista de Elvira morta, infundia em nós ambos bem opostos sentimentos, que muito influíam nas nossas forças corporais: Linhé via a amante morta, e esta vista desanimava-o, afligia-o: o ter em frente o assassino da sua

dama, enchia-o de cólera, e desejos de vingança; mas a razão mostrava-lhe, que este assassino era um amante justamente ofendido: o conhecimento do crime que cometera, fazia-lhe nascer o remorso, que, lhe ralava o coração, e lhe afrouxava o braço.

Quanto a mim a vista duma infiel, sim, duma infiel, mas que fôra o meu primeiro e único amor, e a quem a fraqueza do seu coração queria achar desculpa na fraqueza do seu sexo, e na sedução do seu amante; essa amante que eu não podia esquecer, apesar dos motivos que tinha para aborrecê-la... ver-me vingado, sim, mas ter perdido o meu primeiro amor, e ver diante dos olhos a criminosa causa de tantos males... ah! tudo isto me encolerizava, tolhia-me a razão, dava-me e aumentava-me as forças: em um dos acessos do meu furor dirigi um golpe a Linhé, abri-lhe a cabeça até ao queixo inferior, e ele caiu a meus pés.

Como o nosso combate foi breve, e sem mais ruído que o das espadas, que muitos tomariam sem dúvida por brinco ou exercício, que então muito se usava; e como poucos soldados estavam nas tendas, por se achar o exército no campo, pude sair da tenda, sem que alguém suspeitasse o funesto transe, que acabava de succeder, atravessei o acampamento, e fugi à ventura e



sem destino, evitando as terras e encontro dos cristãos.

«Andei, ou antes, corri todo o dia, procurando entranhar-me pelas terras dos sarracenos. O cansaço e o remorso tinham-me extenuado as forças; já quase no fim do dia encontrei nas terras dos sarracenos uma fonte, da qual saía um regato, que logo ali formava uma presa; bebi daquela água fresca, com que por um pouco recuperei as forças. Ali, sentado e solitário, meditei profundamente na funesta acção, que praticara e na triste situação em que me achava.

«Inigo, dizia eu a mim mesmo, Inigo, que fizeste? Que feia é a vingança! Que tiranas são as paixões! Quanto melhor te fôra ficar nas Astúrias, esquecer no lar e paz doméstica, a perfídia duma mulher, cujo sexo é essencialmente inconstante, do que transpor mares, arrostar perigos para seres assassino, e veres-te ralado de remorsos! Sem pátria e sem parentes, foragido em terras de inimigos, que será de ti desgraçado? Para onde irás; e com quem? O crime e o remorso são os teus únicos companheiros que te perseguem por toda a parte! Perdeste a pátria, os pais e amigos, para fartares uma vingança e seres assassino; agora para salvars uma vida criminosa, precisas perder a alma, e fazeres-te Maometano... Que desgraça! Hoje assassino e amanhã apóstata!... Triste Inigo, agora conheces o quanto é certo que um crime



acarreta milhares de outros? De que serviu vingares-te? Tu, julgando fazer mal aos outros, só em ti é que te vingaste, porque só tu é que padeces! E quando acabarão os teus padecimentos, se eles ainda agora principiam? Quanto melhor te fôra entregares ao desprezo uma mulher desleal? O que ela praticou contigo, praticaria com outros muitos e no desprezo com que todos a tratariam, encontravas, sem ter remorso, o seu e o teu vingador! Teu coração folgaria vingado e inocente, e agora gemes culpado, coberto de negra mancha de teres assassinado uma mulher! E quem te disse, Inigo, que esse francês te ofendeu? Ele seduziu Elvira, é verdade; mas era estrangeiro, esteve no seu castelo poucos dias, saberia acaso que tu a amavas?

«Mas ah! porque não fiz eu estas tardias reflexões enquanto tinha tempo? E de sobejo o tenho eu tido; agora só me resta o remorso... e por uma cadeia de crimes encobrir o primeiro crime. Creio que por algum tempo fique desfalecido, porque só tornei a mim às brandas sacudidelas que me deu um rapaz árabe, que vinha naquela represa dar de beber ao seu gado. Tornado a mim, e todo sobressaltado, perguntei-lhe: «Rapaz, aonde moram os teus pais? Eu quero que lá me conduzas, porque preciso muito falar com eles.»

—Cristão, diz ele, se vens de paz, eu te levarei a meus pais, se vens de guerra e vens roubar,

vai-te embora, leva o meu gado, e não venhas fazer mal a meus pais e a meus irmãos, que encerrados nestes bosques, nunca tomaram armas, nem fizeram mal aos teus.

— «Não, rapaz, eu não quero o teu gado, nem fazer mal aos teus parentes, antes quero tratar amizade com eles, pedir-lhes para ficar na sua casa esta noite, e contar-lhes coisas que eles gostarão saber.»

«O pequeno árabe conduziu-me então a casa de seu pai, homem de mais de cinquenta anos, e que mostrava ser de são juízo e muita probidade. Entrei com toda a modéstia e decência na casa do bom árabe; com respeito o cumprimentei e ele correspondeu-me com civilidade; mas conheci nele que me olhava com certo sobressalto, desconfiança, admiração e pasmo.

«Bom Mussulmano, lhe disse eu, aqui tens um pecador, a quem o santo profeta alcançou de Deus a luz da alma, e a conversão do coração. Eu quero seguir a lei santa do grande Alah, publicada pelo seu querido profeta Macmet. Tu podes dirigir-me numa obra de tanto merecimento, e para esse fim é que eu te venho aqui procurar, pois bem me podes guiar em uma obra tão meritória.

«Enquanto eu falava, o semblante do bom árabe ia-se tornando sossegado e risonho: então o árabe que se chamava Alberrós, mandou-me

sentar e disse-me: «Cristão, o Senhor compadeceu-se de ti, e quis dirigir os teus passos pelos caminhos da luz e da justiça, e até te conduziu a quem tem muito gosto de concorrer para obra tão meritória; pois na sua família conta uma conversão semelhante à tua: meu avô era Milanês, e foi, como tu, chamado por Deus à lei dos verdadeiros crentes. Sossega, o teu rosto está alterado, e a força do cansaço te oprime, como vens fugido da terra dos infiéis; talvez te terás fatigado muito e até nem tenhas comido; mas sossega, que eu já te dou do que tenho, e poderás um pouco recobrar as forças que tens perdido.»

— Deu-me frutas secas e pão, comi com avidez, e, acabada esta breve refeição, deitei-me em uma cama asseada, que me tinham preparado: descansei alguma coisa; veio a ceia, comi pouco e passei a noite quase toda num triste e aflitivo insónio, meditando nos feios crimes que tinha praticado e na medonha apostasia que ia cometer.

«Três dias me demorei em casa de Alberrós, não só para descansar, mas também para buscar os meios mais apropriados de efectuar a minha chamada conversão. Assentámos finalmente que eu fosse apresentado a Muley-Aben-Badur. Com effeito, apresentei-me perante este régulo, como a tais senhores chamam nas nossas terras, que me tratou o melhor que era possível: logo me man-

dou ficar e tratar do seu palácio; brindou-me dali a pouco com ricos presentes, e muito mais no dia da minha circuncisão e solene apostasia: e o mesmo fizeram todos os magnates das vizinhanças.

«Badur não quis que eu sáísse mais da sua casa, fez-me seu fiel, intendente da sua casa e fazenda e até seu confidente: se eu estivesse bem com Deus, estava òptimamente com os homens; mas eu tenho uma só alma, quero salvá-la, quero sair do pecado e reconciliar-me com Deus; para o conseguir tenho traçado o seguinte plano:

— Em uma noite, que as circunstâncias tornarem propícia, e em que Muley-Badur não esteja em casa, montaremos nos melhores cavalos, correremos por veredas apartadas, mas que eu muito bem conheço, e no dia seguinte estaremos em terra de Cris-ãos; tu ficas em plena liberdade, só com a condição de não revelares a pessoa alguma a história da minha vida. Eu procurarei embarcar para a Europa, o que fàcilmente conseguirei; pois como já tem decorrido muitos anos, e os franceses que me conheciam ou já têm morrido nos combates, ou têm tomado vários destinos, ninguém me conhecerá. Uma outra coisa te peço, e é, que por via de teus amigos me arranjes cartas de recomendação para Roma, para onde logo quero partir, a fim de que o Santo Padre me perdoe

a minha apostasia, e me permita recolher-me a algum convento, para aí, no retiro e nas lágrimas de compunção, expiar os delitos da minha mocidade.»

Contente e sobremaneira ficou admirado D. Nuno com a narração e proposta de D. Inigo. A pátria, Vivili e a liberdade, sentimentos quase dormentes na sua alma, como que acordaram de novo; e toda a veemência e força do amor o assaltaram e puseram em movimento todas as faculdades da sua alma.

— Sim, diz D. Nuno, sim, meu caro Inigo, tens errado, não há dúvida; mas qual é o homem feliz e perfeito, que não tenha praticado coisas, em algum tempo, de que depois não tenha de se arrepender? As paixões cegam-nos, e elas são funestos conselheiros, que nos levam à maldade e ao crime; mas ainda bem que chegaste a conhecer e o detestas: é verdade que alguma vez o crime pudesse ter desculpa, razões bastantes te assistiam para minorarem os teus crimes; Deus, e o Santo Padre, seu Vigário, bem conhecem que as paixões são um sono da razão, e por isso hão-de usar contigo de clemência; e as tuas lágrimas vertidas no silêncio em algum Mosteiro, certamente atrairão sobre ti os olhos de misericórdia daquele Deus, que está sempre pronto a perdoar. Eu tenho amizade com vários nobres italianos, e por eles eu te arranjaréi para Roma cartas para as

mais altas personagens e de muito valiosa protecção: tu serás facilmente reconciliado com a Igreja; agora tratemos de por em prática os meios conducente para chegarmos e esse instante feliz.

— Sim, meu D. Nuno, diz Zoleiman, vamos tratar disso: Badur tem de marchar daqui a três dias, para ver se surpreende um comboio de víveres e algumas companhias de Cristãos, há pouco vindos, que se dirigem à cidade santa; é então que no maior silêncio da noite devemos efectuar a nossa fuga: mas é preciso ter constância e ânimo; e como tudo isto em ti supponho, é que te comuniquei este projecto, que há muito nutro no peito: faz os teus arranjos, porque na terceira noite, passada esta, nós devemos partir.

Inigo e D. Nuno, cada um da sua parte, faziam todos os preparativos para efectuarem, e serem felizes na sua arriscada empresa. D. Nuno evitava a ocasião de se encontrar com Zéfir; e na véspera da partida até se fingiu constipado para ter um motivo de não sair do seu quarto.

Chegada a hora aprazada, os dois fugitivos montam nos melhores cavalos das cavalaria de Badur e correm a toda a brida por caminhos ásperos e desconhecidos, só sabidos de Zoleiman, em busca da liberdade e da pátria que perderam. Estava quase para romper a aurora, quando chegaram às bordas dum pequeno regato, que corria no fundo de ribanceiras, cobertas de ervas e ar-

bustos altos e bravios. As águas do inverno tinham por baixo de si espantosas cavidades; e ficando por cima pouca altura de terra, estas abóbadas, ao menor peso, aluíam, com grave risco de vida de quem estava em cima. Este regato, invadiável no inverno, servia de raia entre Agarenos e Cristãos. Estava chegada a meta, passada a qual, aqueles dois aflitos corações podiam soltar o desabafado ai do prazer; atravessar o pequeno regato, era estar livre; só este passo faltava; mas ah! a má fortuna dos dois fugitivos quis que esse fosse o mais dificultoso.

Quando os dois cavaleiros iam mais absortos nas doces emoções, que na sua alma excitava a vista da próxima ribanceira, termo da desgraça e princípio da sua ventura, eis detrás duns arbustos se levantam uns vultos, que, como espectros, incutem nos dois o terror da morte. Estes duendes clamam à uma:— Quem vem lá? —.

O raio que caiu de improviso aos pés do descuidado caminhante, não faz tão mortal impressão naquele coração sabressaltado, do que fizeram aquelas vozes nos ouvidos dos dois cavaleiros.

Quem gritava assim eram soldados de Badur: este não tendo encontrado a gente e o comboio que esperava, julgou que tudo viria por este caminho desviado, esperando os Cristãos evitar o seu encontro, e Badur, para os surpreender, tinha-se dirigido para este sítio, mas tudo isto ignoravam



os cavaleiros, e por isso a sua admiração, surpresa e susto, foram extremos. Por um sentimento indecifrável, os dois fugitivos param por um instante, mas logo D. Inigo diz: «Avante, cavaleiro, ânimo e ligeireza: ali está a terra da liberdade; pica e avança.» Nisto crava as esporas ao cavalo, transpõe o ribeiro, e em poucos instantes já pisava a terra da segurança e da liberdade. D. Nuno pica o seu cavalo, este firma os pés nas margens do ribeiro para saltar para o outro lado; mas firmando-os sobre uma parte da margem que estava cavada por baixo, a aluiu com o peso, e o cavalo e o cavaleiro caíram à ribeira. Ao ruído da queda chegam-se os vigias de Muley-Badur, e, como puderam, descem ao fundo do ribeiro, e entre insultos e maus tratamentos, tiram para fora a D. Nuno muito maltratado por efeito da queda, pelos espinhos em que dera e pelo peso das armas que o oprimiam.

Que triste não era a situação em que se achava o infeliz D. Nuno! Caído de novo nas mãos dos seus inimigos, e de novo apresentado ao altivo Badur... ah! que duras exprobações não sofreu da parte daquele bárbaro!

O infeliz D. Nuno, apesar de muito ferido e maltratado, foi metido em um cárcere seguro, carregado de cadeias pesadíssimas. Badur condenou-o à morte, não só por ter fugido, mas também, dizia o bárbaro, por ter iludido e aliciado



Zolelman para fugir, e apostatar da lei do profeta de Meca. Dali a cinco dias, D. Nuno devia morrer à força de golpes de azorrague.

Na noite seguinte à em que D. Nuno foi preso, e no mais profundo silêncio da noite, quando o infeliz cavaleiro gemia oprimido de ferros e de dores, entregue todo às negras cogitações, a que dava motivo o lamentável estado em que se via e a previsão da infausta sorte que o esperava, eis de repente se abre a porta do cárcere, e com uma luz na mão aparece uma dama cuja esbelta e linda figura se tomaria por um anjo, se os anjos fossem mulheres: esta encantadora figura era Zéfir.

— Cavaleiro, diz ela, na grandeza do perigo, a que por ti com esta acção me arrisco, conhece a grandeza do meu amor; amor infeliz, porque o emprego num ingrato. A tua vida já se não mede pelo tempo incerto da existência, mas pelas rápidas horas de que se compõem o curto espaço de quatro dias! Ah! quantas dores não terás de sofrer, antes que o anjo da morte estenda suas negras asas para cobrir a tua alma! Eu, bem a meu pesar, e só por ordem de meu pai, tenho presenciado o transe de vários infelizes que têm sido condenados ao mesmo suplício que tu és; ah! quanto medonho e aflitivo não é o seu passamento! Mas na tua mão está o evitá-lo: uma só palavra tua livra-te da morte, dá-te a vida,

riquezas e uma esposa, cuja mão muitos príncipes da Ásia têm pedido, e que se não é Vivili, é Zéfir...

Calou-se a dama, abaixou os olhos como envergonhada de ter sido tão explícita, e esperou ansiosa a resposta do cavaleiro.

D. Nuno, depois de estar um pouco meditando o que diria, assim rompe o silêncio:

—Anjo da consolação, sultana das flores, mimo dos olhos, deleite dos sentidos, as tuas palavras cheias de doçura e de bondade levam à minha alma o fel da desesperação e da amargura. Grande é a ventura que me propões, porém muito subido o preço por que ela se pode obter. Para conservar a vida é preciso desprezar Vivili; desprezar Zéfir é perder Vivili e a vida! Que terrível alternativa! Dize, generosa e encantadora Zéfir, poderei eu aceder às tuas árduas proposições? Poderei eu deixar de amar a minha Vivili, a quem amei desde a existência, e cuja paixão foi fortificada pela convivência e pelo tempo? Quando vim para a guerra santa, jurei, e os céus tremeram dos meus juramentos; jurei de lhe ser amante até ao último arquejo da existência; ela jurou também, e eu não posso ser-lhe infiel, sem ser perjuro, desleal e ingrato.

Se eu estimasse mais a vida do que a honra, poderia iludir-te, poderia dizer que era teu este coração, que não pode palpitar senão pela minha

Vivili; mas eu antes quero morrer com honra, do que viver perjuro, desleal e impostor. Além disso seria para se crer, que um cavaleiro Cruzado, vindo da Europa à Ásia defender a Cruz, negasse a Jesus Cristo só pelo amor de uma mulher? E poderás tu acreditar que te fosse esposo fiel, quem traiu o seu Deus e a sua amante? E quererás tu para esposo um homem, indigno até de uma alma baixa duma mulher vulgar? Não, Zéfir. Olha, anjo da generosidade, eu sou mais digno da tua compaixão e da tua ternura, desprezando as tuas ofertas, porque a honra me veda aceitá-las, do que se as aceitasse, ficando desonrado. Se as desprezo, é porque o meu Deus e a minha honra mo proibem; se as aceitasse, seria indigno de ti e delas, porque elas seriam o preço duma perversidade. Bela sultana, tão formosa como o astro brilhante de que tens o nome, sufoca um amor pouco considerado, e abre o teu coração aos generosos sentimentos da compaixão. Espalha o prazer, a felicidade e a vida sobre muitas pessoas, cuja ventura só de ti depende. Tu podes dar-me a liberdade, eu voarei aos braços de meus pais, enxugarei as suas lágrimas, Vivili verá em ti uma benfeitora e não uma rival; e as margens do Neiva e Cávado ressoarão com o teu nome, entoadado pela mais rendida gratidão.

Lá no extremo da Europa, lá no sepulcro do dia a voz da gratidão abençoará um novo sol, que

nasceu no berço da aurora, nesta Ásia afortunada. Tu gozarás o doce prazer que sentem as almas puras e generosas, quando conhecem que têm feito bem; e eu sentirei o prazer de te dever tudo quanto o homem tem de mais caro no mundo — pátria, pais, amante, liberdade e amigos. Ah! formosa Zéfir, teu coração já terá experimentado muitas vezes, quanto é doce o prazer de ter feito bem; ah! repete, repete com este infeliz o gozo de tão doce sensação!

— Cavaleiro, diz Zéfir com os olhos banhados em lágrimas, vive e sê feliz.

— Anjo do céu, anjo da consolação, disse D. Nuno!

Porém Zéfir o fez calar e assim prossegue:

— Vive, vai fazer felizes a teus pais e a tua amada, a tua Vivili, a minha feliz rival. Conheço que uma barreira intransitável nos separa: a tua religião inibe o nosso consórcio, e eu sei quanto as crenças religiosas predominam sobre os espíritos. Tu não mudas de religião e eu também não: se qualquer de nós tão ligeiramente mudássemos, seríamos indignos um do outro.

Tu, desprezando Zéfir, riquezas e vida, só para seres fiel ao teu Deus e à tua amada, és digno de viver e ser feliz; mas não quero que me excedas em generosidade e grandeza de alma: eu quero dar-te a felicidade e a vida. Não me ofendes em amar uma dama que conhecestes muito

antes que só me visses; e sendo fiel ao teu Deus és comigo igual em sentimentos. Se a convicção fosse a causa da conversão de algum de nós, sem suspeita seria essa conversão; mas uma conversão inspirada pelo interesse, ou pela compaixão ou amor da vida, é suspeita de hipocrisia. Vai, vai viver feliz eu viverei desgraçada...

Aqui Zéfir interrompeu por um pouco o seu discurso, porque o amudado soluçar lhe embarçava a voz: porém logo que pôde, assim continuou:—Se ao menos eu pudesse saber que eras ditoso, invejando a sorte da minha rival eu ficaria mais contente pela ventura daquele a quem meu coração ama, devendo aborrecê-lo... Tu, e os teus nos chamam bárbaros; mas seriam as damas do teu país tão generosas com um amante que as desprezasse como eu o sou contigo? Eu sei que o amor não é mercância que se compre nem sentimento que se faça nascer à força: a simpatia é quem o gera; a não ser estas todas as outras causas são seus padrastos; não simpatizaste comigo... Aqui de novo o pranto lhe inunda as faces e entre soluços continua:—Se eu nascesse no teu país, diria como as damas dele, ama-me ou morre, mas a bárbara Zéfir diz-te: «Sê feliz, ainda que me não ames. O meu amor não se apaga com o teu sangue; a tua morte só serviria de redobrar o meu tormento; pois como poderia eu ser feliz com a desgraça daquele que

desejo ver o mais venturoso dos mortais? Só o vingativo se alegra com o mal do seu contrário; e eu sou amante porém não sou odienta; sinto não merecer o teu amor; mas por isso sou amante verdadeira, não desejo o maior dos males daquele a quem desejo a maior das venturas: e a prova, tu a vais ver: na seguinte noite virá ter contigo um outro cativo chamado Atanázio, natural de Cesareia; ele conhece bem os caminhos ocultos que daqui ali conduzem: quebrará os teus ferros e arrombará as portas da prisão para meu pai não suspeitar que fui eu que te proporcionei a fuga, e ambos descereis por cordas por uma janela que deita para o jardim, cujas portas estarão abertas; aí achareis a cavalo um cristão cativo que vos terá prontos dois cavalos; montai e não temais novo encontro com as tropas de meu pai, que andam daí muitas léguas: vós ireis vestidos de muçulmanos, ambos sabeis a nossa língua e por isso ainda que tenhais algum inesperado encontro, nada tendes a temer; pois por esses sítios o povo é pouco e bom, e nada suspeitoso. Vai, D. Nuno, vai ser feliz com a tua Vivili... nos braços dela lembra-te que ta deu... (e nem podia dizer) Zéfir.

Zéfir fecha apressada a porta da prisão e tão veloz como o pensamento, voa ao seu aposento, deita-se sobre o seu sofá; dois rios de água lhe

rebetam pelos olhos e suas faces se intumecem com o pranto.

As últimas palavras de Zéfir, D. Nuno levantou-se como pôde, pôe-se de joelhos e ia beijar os pés da sua benfeitora, mas ela tinha desaparecido como a rapidez do relâmpago e D. Nuno ficou colado à porta da prisão, e prorrompe nestas expressões: — Mulher incomparável, anjo ou divindade, nem sei que nome te deva dar: a esta hora talvez estarás tragando as cruéis amarguras que o meu desprezo te motiva; eu em ferros, sou mais feliz do que tu no cúmulo duma aparente prosperidade! Vivili, cara Vivili, quem podera ter-te aqui presente para veres a minha constância e a generosidade da tua inocente rival! Ah! teu coração compassivo estalara de sentimento, tu carpirias a sorte de Zéfir e talvez competindo com ela em generosidade me desligasses do juramento de ser teu! Mas que importava dares-me a liberdade, se me não davas um coração para deixar de te amar? Oh! Zéfir, como poderei pagar-te tantas bondades? A gratidão, só uma eterna gratidão, só um reconhecimento tão duradouro como a existência, podem ser, ainda que fraco, o único sinal do muito que te devo! Ignoro outra paga, ah! se a soubesse!!...

Com as mãos oprimidas de cadelas, porém levantadas ao céu, ficou D. Nuno por largo espaço posto de joelhos junto da porta por onde Zéfir



se tinha ausentado. Que bem diferentes sentimentos experimentavam Zéfir e D. Nuno! Este, carregado de cadeias e contando a vida por horas só experimentava sensações agradáveis, esperanças lisonjeiras, grato prelúdio de um futuro de venturas; tanta dita somente era eclipsada pelo triste padecer de Zéfir; esta, num sofá de riqueza e luxo, cercada de toda a pompa oriental, de tudo enfim quanto pode fazer um mortal feliz, tragava em silêncio as amarguras da morte e era muito mais digna da compaixão do que D. Nuno carregado de cadeias! Ah! quantas vezes os exteriores das coisas são diferentes da sua realidade!

Chegou enfim a noite aprazada; e quando tudo estava sossegado no Harém, apareceu Atanázio e Zéfir; trataram de arrombar as portas e quebrar os grilhões, deixando tudo em forma que Badur pudesse acreditar que o tal arrombamento fora praticado só pelos dois escravos.

— Anjo humanado, diz D. Nuno ajoelhando aos pés de Zéfir, generosa sultana, só o meu coração e não os meus lábios, te podem agradecer todos os favores que acabas de fazer-me. A vida, a liberdade, a pátria, os pais, a amante... tudo... me restituis... Ah! e que posso eu dar-te em troca de tudo isto, senão um reconhecimento igual à vida? O céu, sim, só um Deus, justo remunerador das acções virtuosas, te pode galardear como mereces. Nos castelos de Faria e



Neiva todos os dias subirão ao céu as nossas fervorosas, pedindo ao Eterno que te conceda todos os bens imagináveis; nós publicaremos por toda a parte os teus louvores, a nossa gratidão...

— Basta, D. Nuno, diz Zéfir; tempo terás de te lembrares de mim; agora é tempo de te lembrares só de ti; aproveita-o e parte: mas antes de partires, recebe esta bolsa de dinheiro, aí acharás também o meu retrato, eu o guardava para to oferecer no dia do nosso consórcio... Mas o céu não o quis... Porém eu não ofereço a ti o meu retrato; a minha imagem nunca se riscará da tua lembrança...

— Não, nunca, nunca, diz D. Nuno.

— Pois bem, continua Zéfir, eu ofereço à tua dama o meu retrato, como declara a legenda de diamantes que está em volta e diz Zéfir a Vivili. Neste retrato não verá Vivili a sua rival, mas uma amiga extremosa que tudo sacrifica para lhe restituir o que ela como amante tem de mais caro sobre a terra. Goza, feliz Vivili, goza o homem mais amável que Alah criou na terra: cá fica Zéfir tendo por contínuos companheiros o pranto, a dor, o desgosto e a saudade... Só a lembrança de ter feito bem será a minha consolação... Parte já, D. Nuno, temo que a constância me falte.

Zéfir ausenta-se rapidamente; D. Nuno a quer seguir, quer repetir os protestos da sua gratidão, mas Zéfir sumiu-se na vastidão dos salões

do Harém e as expressões de D. Nuno perdiãam-se nos ares. — Cavaleiro, diz Atanázio, agora não é tempo de falar de amores, e tempo de recuperar a liberdade: vamos, segue.

D. Nuno seguiu Atanázio; chegam à porta do jardim, aí estava tudo pronto, como Zéfir tinha prometido; montam a cavallo e partem; e com toda a felicidade chegam a Cesareia. Atanázio ficou na sua pátria e D. Nuno marchou para Jerusalém, passados poucos dias, à nova da sua chegada, D. Inigo foi visitar D. Nuno, abraçaram-se ternamente e alguns dias viveram unidos, até que D. Inigo, munido com as cartas de recomendação que lhe arranjara D. Nuno para vários cardeais de Roma, parte para aquela cidade e depois de ser reconciliado com a Igreja vai fazer a vida penitente no mosteiro de Sahagun, aonde finou seus dias com fama de santidade.

D. Nuno, logo que pôde, embarcou-se para a Europa em um navio que fazia viagem para a Inglaterra. Corria o ano de 1121, e haviam dezoito que D. Nuno tinha deixado o seu país natal. Quando o navio estava nas costas de Portugal, não muito distante de terra, D. Nuno avistou o monte e capela de S. Félix, não longe do Neiva e Faria e pediu ser lançado em terra, nessas então ermas praias onde hoje campeiam arrogantes a Póvoa e Vila do Conde. Apenas se pôs em terra, caminha para o castelo do Neiva, aonde contava

fazer uma grata surpresa à sua amada e a toda aquela família, contando fazer o mesmo à sua, mandando-a chamar ali a título de qualquer brinquito. Mas ah! como bem depressa se esvalceram tão gratas esperanças!

Em uma pobre choupana de um pescador tinha D. Nuno deixado ficar toda a sua mobília; e só e armado, caminhou para o castelo do Neiva saboreando de antemão o prazer que iam ter tantos corações, que tão verdadeiramente se amavam. A largos passos caminhava o nosso cavaleiro, e em poucas horas se achou a pouca distância do tão desejado castelo do Neiva; mas qual foi a surpresa e mágoa de D. Nuno quando ouviu que a pequena campainha do castelo tocava o triste sinal dos finados! Chega mais perto, vê as frestas da capela cobertas de sinais de luto! Bandeiras arrastadas ondeavam tristemente entrelaçadas com ciprestes pelas ameias do castelo! Extático, suspenso e quase petrificado ficou D. Nuno com tal vista; as suas doces ilusões em que sua alma ainda há pouco se inundava, evaporaram-se, como os sonhos que ao acordar se desvanecem; apressado lhe batia o coração no peito aflito; quer caminhar, mas os joelhos se lhe dobram; impaciente por saber quem fora ali a vítima da morte, treme de o saber; ora quer voltar para trás, ora aperta o passo; enfim um sentimento involuntário o vai conduzindo para a capela e,

quando já estava perto, encontra-se com duas mulheres, que dali saíam. D. Nuno assim falou à mais velha:

— Minha tia, diga-me, vem de ver o defunto?

— Vimos, cavaleiro, vimos de ver esse anjinho do céu, que o Senhor levou para si. Está tão linda e tão formosa que até parece viva...

— Que até parece viva! diz D. Nuno; pois quem morreu não foi o senhor D. Mem Gonçalves?

— Não, cavaleiro, diz a velha; foi a sua filha mais nova: agora morrem os novos e ficam os velhos... Ai, cavaleiro, morreu a mãe da pobreza, morreu aquela santinha, que sempre tinha que me dar...

Aqui rebentam as lágrimas às duas velhas, que ali estavam. Aqui subiu de ponto a pungente dor que atravessava o coração de D. Nuno, porque julgava que a filha mais nova de D. Mem Gonçalves, de quem se falava era a sua querida Vivili.

Já se disse no princípio que D. Sancha, filha mais nova daquele fidalgo, tinha nascido como abortiva, muitos anos depois de suas irmãs e quando já havia muito tempo que D. Nuno estava na Palestina e até no cativeiro, aonde não teve notícia alguma de semelhante nascimento. Trémulo, espavorido, trespassado da mais intensa dor, sem saber porquê, abaixa a viseira, e entra na capela que a esse tempo estava erma, porque os

criados estavam almoçando a fim de estarem prontos para receberem todos os que viessem ao officio. Era alta a eça sobre que estava o caixão com a defunta, estava esta envolvida em véus e burel branco, sinal de luto desse tempo: uma espécie de sobre-céu ainda mais concorria para se não poder bem distinguir o rosto da defunta, e o escuro da capela ainda dificultava mais reconhecê-la; e finalmente as ideias em que estava D. Nuno de ser Vivili a filha mais nova de D. Mem Gonçalves, não lhe permitiam duvidar que fosse ela a que ali via finada. Só, e penetrado dum pesar e dos inconcebíveis desgostos da dor, quase sem olhar para a defunta prostra-se junto da eça, atira ao chão com a espada e capacete, abraça-se com uma das colunas da mesma eça, e entre suspiros e vozes mil vezes entrecortadas, assim exclama:

— Cara Vivili, tu morreste e eu ainda vivo?... E posso eu viver sem ti? Grande Deus, para me fazerdes ver morta a minha amada, a mais amável e a mais querida das criaturas, é que entre tantos perigos me conservastes a vida? não fora melhor morrer por vós do que matardes-me com a vista da minha amante morta? Desprezei para guardar a vossa lei e a santidade do juramento, desprezei honras, riquezas e a criatura mais perfeita que talvez tendes criado, e vós roubais-me aquela que parece tínheis criado para mim? Assim tratais, Senhor, a quem por vós tantas vezes expôs a sua

vida? Vivili; cara Vivili, se lá no céu onde estás, podes conhecer a minha dor e escutar os meus gemidos; se no seio da divindade ainda te lembra o teu D. Nuno, pede a esse Deus, que tão cedo te levou, que me leve a mim também. Amada, querida amante, a morte já me tarda, redobra as tuas súplicas: quero morrer a teus pés, sepulta-me na mesma cova, eu não posso existir mais... Vivili, cara Vivili... Não me falas, não me respondes? E eu ainda não morro!... Cruel amante, ah! tu sem dúvida ainda não pediste ao Eterno a minha morte! Queres que eu ainda padeça mais?... Fala, responde-me... Mas ah! tu não me respondes!... Oh! morte... E nisto caiu desfalecido; e quando tornou a si estava assustado como quem acorda dum terrível pesadelo; e com os cabelos eriçados, os olhos inquietos, tremendo em todo o corpo, sem saber o que fazia, despe as armas, coloca-as sobre o altar, liga a uma coluna da eça o retrato que Zéfir lhe tinha dado e num excesso de frenesi, sai da capela sem ser visto de pessoa alguma. Correndo longo tempo ao acaso por entre a espessura dos bosques, que nesse tempo povoavam aqueles sítios, embrenha-se pelas selvas do monte de S. Fins, aonde o deixámos vaguear, todo entregue aos efeitos da saudade, para no entanto irmos ver o que se passa no enlutado castelo do Neiva.

Apenas os criados acabaram de almoçar, desceram para a capela a fim de receberem os que viessem concorrendo para o officio; mas quem pode explicar a sua surpresa quando viram as armas no altar e pendurado na eça o retrato duma moura, nesses tempos sempre preságio de maléfico encanto! Gela-se-lhes o sangue nas veias, arrepiam-se-lhes os cabelos de medo, fazem três vezes o sinal da cruz e repetem muitas vezes as orações que mais eram da sua fé e devoção. Cobrando algum ânimo chegam-se para mais perto do fatal retrato e as letras arábicas da legenda são para eles novo motivo de sustos e suspeitas.

Depois de mil juízos qual a qual mais absurdo, um escudeiro foi dar parte a D. Mem Gonçalves do presente mistério. O fidalgo deu parte de tudo à família que, apesar de sua profunda dor, pôde vencer-se e desceram todos à capela para verem tão misteriosas dádivas em que ninguém se atrevia a pôr a mão. A família de Faria que ali estava e o mesmo D. Mem Gonçalves reconheceram logo que aquelas eram as armas que foram compradas ao francês, de que no princípio se falou e que D. Nuno levava para a Palestina; mas elas caíram nas mãos dos Agarenos quando D. Nuno caiu morto, como podiam, a não ser por algum encanto, vir em tal dia aqui parar? Quem as trouxe, pois ninguém se viu? Nada, não há dúvida, aqui há grande encanto, disse D. Mem



Gonçalves que estava imbuído de todos os prejuízos populares do seu tempo.

D. Pedro de Faria, que alguma coisa sabia da língua arábica, leu a legenda do retrato e o pasmo de todos chegou ao seu mais alto ponto. — Uma Moura, diziam eles, que ninguém sabe quem é, oferece tão rica jóia a Vivili, a quem ela decerto não conhece!... É, ou não esta Moura feiticeira? Aqui há grande malefício, ninguém ponha mão nestes trastes, nem serem esconjurados: venha algum homem de Deus, que benza e desfaça estes encantos.

Um criado vai logo ao mosteiro Beneditino de S. Romão do Neiva chamar Frei Florite, tido por todos como santo, para vir fazer as suas rezas e orações sobre aqueles objectos tão suspeitos. Veio o bom do monge e concluídas as suas orações e exorcismos, mandou que tudo ficasse na capela; porque, dizia ele, se esses objectos têm alguma virtude maligna, a cruz santa do Senhor, e a virtude desta casa de oração inutilizarão a força de qualquer encanto que lá fora pode sortir o seu efeito. Com estas precauções todos ficaram desassombrados e procedeu-se ao ofício e mais actos religiosos. A notícia do que se tinha feito, o susto dos senhores de Faria e Neiva correra de boca em boca e foi então que as duas velhas publicaram o encontro que tinham tido com o



cavaleiro, o que tornava o caso cada vez mais misterioso.

Passados dias e passada a maior impressão que causara a morte de D. Sancha, começou-se a falar e a discorrer mais pausadamente sobre a aparição das armas e do retrato. Vivili tinha todo o seu pensamento ocupado com aqueles misteriosos objectos. — As armas, dizia ela, as armas são as de D. Nuno, mas elas ficaram na Palestina, foram-lhe tomadas pelos inimigos, como foram agora aqui trazidas por um cavaleiro que se não quis dar a conhecer? Quem sabe se este cavaleiro desconhecido as tomaria aos inimigos, e sabendo de quem eram e de que família era D. Nuno, agora que voltava à Europa as viria aqui restituir? Mas aquele retrato da moura? Quem sabe se ela era uma amante de D. Nuno e que ele tivesse o seu retrato e fosse encontrado com os seus despojos e o cavaleiro o viesse restituir juntamente com as armas? Mas ele é oferecido pela moura a mim? que enigma é este? E quem sabe se àquela moura, amante de D. Nuno, ele lhe teria falado de mim e agora que ele morreu para aumentar o meu desgosto por causa da sua morte, me mandaria no seu retrato a certeza duma rival? Isto parece dizer: *D. Nuno morreu, eu era a sua amante, vê o retrato da tua rival.* Cruel D. Nuno, seria possível que faltasses aos teus juramentos, às tuas promessas, à tua honra e ao nosso amor? Custa-

-me a acreditar a tua deslealdade! Mas aquele retrato! a não ser duma rival, de quem será? Amado Nuno, meu coração quere-te desculpar, mas todas as aparências te condenam! Funesto retrato, tu vens redobrar o meu tormento! Até agora só chorava um amante, e as minhas lágrimas eram dignas de mim e de ti; mas agora choro um ingrato que não posso deixar de amar, e tua ingratidão redobra o meu cruel padecer! Que cheia de amarguras não é a minha existêncial

Nestas e outras semelhantes cogitações passou Vivili alguns meses; mas este estado seria uma felicidade, se ele ainda não fosse execrado pelo que logo se vai dizer.

Chegado D. Nuno ao monte de S. Fins, errava como louco pelos bosques daquele monte: extenuado de forças e quase falto de juízo, caiu um dia como morto em terra e ali terminaria a sua existêncial, se uns pastores o não encontrassem e lhe prestassem todos os possíveis socorros e o fizessem tornar a si. Quando D. Nuno estava um pouco mais restabelecido e tornado ao seu juízo, comprou algumas varas de serguilha que se tece na freguesia de Vilar do Monte e fez um roupão em forma de hábito de ermitão, pôs-lhe um longo capuz, que sempre trazia na cabeça, e o rosto quase encoberto; e na encosta de um outeiro, como pô-le, cavou uma estreita gruta, aonde como animal bravo, continuamente vivia;

e um regato que fugia murmurando pela relva do seu deserto lhe apagava a sede e lhe servia de recreio. Às vezes saía o nosso apaixonado ermitão a pedir esmola pelos povos daqueles contornos, mas tão enterrado no seu capuz, e com as barbas tão compridas que apenas se deixava conhecer como enteracional. Neste melancólico modo de vida passou D. Nuno pouco mais de um ano, até que teve lugar o grande successo que em breve vou referir. D. João Mendes, do Neiva, que, como se disse, tinha vindo da Palestina, depois do ferimento e suposta morte de D. Nuno, tinha militado nas guerras de Portugal, mas por último foi morto no ano de 1111, na surpresa de Vatelandí, quando um troço de tropa marchava sobre Santarém; e portanto sua irmã mais velha, D. Brites, ficava a suposta herdeira da casa e estado do Neiva; mas esta senhora tendo casado para a casa de Farelães, morreu de parto, sem deixar successão; e assim D. Vivili era a herdeira necessária da casa do Neiva; mas tudo isto ignorava D. Nuno, porque tudo isto se passou em quanto ele esteve na Palestina.

Como o castelo do Neiva recaía em fêmea, e essa familia se tratava com especialíssima amizade com a família de Faria, aonde havia D. Fernando, muito mais moço que seu irmão defunto, o conde D. Fernando Peres de Trava, então de amores com a rainha D. Teresa e com ela governando

Portugal, de que esperava apossar-se, apesar dos indisputáveis direitos do infante D. Afonso Henriques, filho legítimo daquela rainha, o dito conde D. Fernando Peres de Trava, projectou unir estas duas famílias, para, nesta união, ter mais criaturas suas que pudessem secundar os seus projectos ambiciosos.

O conde de Trava influuiu a rainha D. Teresa para que ela escrevesse a D. Pedro de Faria e a D. Mem Gonçalves, do Neiva, a fim de que se effectuasse o casamento de D. Vivili, com D. Fernando de Faria, e se reunissem as duas casas: o mesmo conde valido escreveu aos dois fidalgos, dizendo-lhes que era sua vontade que tal união prontamente se effectuasse, e, como os empenhos dos grandes têm força de preceito, aqueles dois fidalgos não hesitaram em pôr em prática o que, talvez há muito, já tinham premeditado; e D. Mem Gonçalves tinha nisto particular satisfação, porque ele era parente muito chegado de D. Sancha Gonçalves, mulher do Conde D. Fernando.

Apenas as cartas da rainha e do conde chegaram ao castelo do Neiva, D. Mem Gonçalves chamou logo sua filha e lhe comunicou as ordens que da corte e do seu parente tinha recebido. Vivili, quando ouviu esta proposta, ficou como assombrada de raio, e não sabia o que havia de responder. Dizer que não a seu pai era o primeiro acto de desobediência que Vivili praticava

na sua vida, e a tal não se atrevia; e além disto, esta negativa ia talvez romper para sempre os antigos laços de amizade que ligavam as duas famílias; e que razão havia que o pudesse justificar do seu desprezo para com D. Fernando, moço, gentil, e cavaleiro, criado com Vivili, a quem ela, é verdade, não amava, mas também não aborrecia, antes estimava por motivo de criação e amizade de família? E como se atreveria Vivili a resistir às vontades da rainha e do valido, corroboradas com a vontade de seu pai? Mas, como poderia Vivili resolver-se a casar? Seu coração não podia amar; o seu amor morreu com D. Nuno; e como podia ela casar com um homem que não amava? Casar sem amor, parecia-lhe uma vileza; o coração, dizia ela, o coração não é um objecto de mercância, que se entrega a quem mais dá.

Apertado era o lance em que Vivili se via constituída, e para não desagradar a seu pai a quem se não atrevia a dizer um não, mesmo paliado, assim lhe diz:—Permiti, senhor, que eu fale com minha mãe, e ela terá a bondade de vos falar de mim. D. Mem Gonçalves entendeu que sua filha se envergonhava de ser franca com ele em tal matéria e que menos tímida seria com sua mãe e por isso com ar risonho lhe disse:

—Sim, minha cara Vivili, sim; fala com tua mãe, e ela depois falará comigo. E dando um abraço na filha, esta retirou-se. Só e pensativa

andou Vivili todo o dia: à noite resolveu-se a falar com a sua mãe, porque a encontrou só, sentada no seu estrado, quando acabava de rezar as suas devoções. Chega Vivili, ajoelha diante de sua mãe, beija-lhe a mão, porque já tinha tocado as trindades, e antes que sua boca falasse, já seus olhos exprimiam a aflição de sua alma.

— Minha mãe, minha cara mãe, eu venho hoje implorar os vossos conselhos e a vossa protecção; enfim eu vos peço o último quilate do amor maternal; valei-me, minha cara, minha adorada mãe. Vós sabeis, senhora, o casamento que meu pai me destina, em virtude das ordens da corte e também não vos é oculto quanto eu amei D. Nuno... Aqui deu um profundo suspiro; as lágrimas e os soluços por algum tempo lhe interromperam o seu discurso; e, mitigada a sua dor, continua desta sorte: «E como poderei eu amar outra pessoa? Jurei-lhe nunca mais amar a outro: devo cumprir o meu juramento e nem é possível que o meu coração possa amar a mais alguém: o amor deve ser um só; se há mais, esses são ficções e vossa filha nem é impostora nem perjura. Eu não posso ser a esposa de D. Fernando, não só pelos motivos que já disse, mas também porque o não amo e não concebo que haja casamento sem amor: eu para com D. Fernando só tenho os sentimentos de amizade, nascidos de convivência tão aturada como é a nossa. Minha cara

mãe, ensina-me algum arbítrio com que decentemente me possa ver livre deste apuro.

Minha filha, diz D. Unisca de Chavão, apesar da minha maternal ternura para contigo e desejar sempre adivinhar-te os pensamentos para te fazer a vontade, não posso agora com ela condescender, porque as tuas razões nem são justas, nem assisadas; e além disto, as circunstâncias e a vontade de quem pede, não admite um não e nem mesmo uma desculpa. A vontade da rainha nem é desarrazoada, nem impossível, nem injusta; é, portanto forçoso obedecer-lhe: o nosso primo, o conde D. Fernando, também escreveu a seu pai pedindo esta união com o maior empenho e instância: nós sabemos que ele interessa nisto muito, pois se ele for infeliz nos vastos planos que medita, quer ter dois castelos à sua disposição para se recolher, se lhe for preciso, ou fazer-se mais temido e respeitado; e então como se lhe responderá negativamente ou que plausível respostas se lhe pode dar? As tuas ternuras, os teus juramentos amorosos não têm peso na balança da política: são criancices de que aqueles senhores se riem. O respeito que queres guardar às cinzas de D. Nuno, cinzas que o vento já espalhou, será título para desobedecer à rainha, ao seu conde e a teus pais? Quantas viúvas, sem pesar, e sem a nota de infiéis, passam a segundo casamento, e tu simples amante julgas ser-te desalroso não seres fiel a um nome, a uma



sombra e a um punhado de cinzas? Se D. Nuno fosse vivo razão tinhas de esperar por ele, mas ele morreu, faze de conta que és viúva e portanto sem pesar podes passar a novo casamento. Demais, o casamento dos bons filhos deve ser dirigido pela prudência dos pais: estes é que sabem o que melhor convém aos filhos: estes são inexperientes precisam de quem os guie na difícil escolha de um consorte; e quem será melhor guia, a experiência e o amor paterno ou a paixão treloucada de uma mocidade sem experiência? Lança os olhos da tua reflexão ao meu casamento com teu pai: nós não nos conhecíamos, e por isso não nos amávamos; nossos pais casaram-nos e a contínua convivência, o interesse mútuo tem gerado a amizade em que vivemos, sentimento tranquilo, infinitamente mais duradouro do que essa louca paixão chamada amor. Olha como D. Pedro de Faria vive feliz com D. Ermesenda, pois o seu casamento também não foi obra do amor. Lança agora as tuas vistas para esses casados de quem o amor foi o medianeiro; que vês? Um inferno antecipado. Portanto, minha filha, tu que és o único fruto que nos resta, dá a teu pai e a mim o maior prazer da nossa vida; com a tua filial obediência minora o desgosto que nos causaram as prematuras mortes de teus irmãos: não amargures com a tua resistência os nossos últimos dias.



Um torpor de morte assaltou a triste Vivili; ela julgava que sua mãe atenderia às suas razões, e, como mãe e mulher, se compadeceria das fraquezas do seu coração; mas enganou-se; ela não achou na sua mãe senão a rigidez e autoridade da razão. Afrita, e sem ter que replicar, disse à mãe: «Permiti, minha mãe, que me retire a meditar nas vossas razões, e no destino que me espera.» E correu para seu quarto e lançou-se sobre a cama. As lágrimas que logo dos olhos lhe rebentaram ensoparam-lhe o travesseiro; os seus suspiros foram ouvidos pela ama que a criara, *Gontrode Domingues*; esta, entra no quarto, e fica consternada pela aflição em que vê Vivili, a quem estimava mais do que se fosse sua filha, e de quem era fidelíssima confidente. Vivili olhou tristemente para ela e lhe disse:

Gontrode, sou a criatura mais infeliz que Deus deitou ao mundo; se obedeco aos pais, sou perjura; se lhe resisto, sou-lhes desobediente e à rainha: que terrível alternativa! Minha Gontrode, vê se podes valer-me! Mas Deus, só Deus tirando-me a vida me pode despenar sem que pessoa alguma fique mal...

«Calai-vos, senhora, diz Gontrode; Deus é pai, e algum remédio há-de dar aos vossos males: eu estava ouvindo a vossa conversa com vossa mãe e meditando como havia de dar remédio ao vosso mal; parece-me que o tenho descoberto;

porém dizei-me primeiro: quereis ser antes esposa de Jesus Cristo, do que dum homem?

— Quem pode dizer que não? respondeu Vivili.

— Pois bem, temos tudo remediado. Ouvi o que eu cá tenho pensado. No mosteiro de Vairão é abadessa a vossa segunda tia D. Pala: ela é uma grande serva de Deus, e bem vontade tinha ela, que todos deixassem o mundo para servirem a Deus no claustro, e por isso com toda a vontade vos receberá naquele santo retiro, logo que lá vos apresentardes. A vossos pais fingireis que concordais no casamento, e só poreis por condição, que não ireis para Faria, nem vos juntareis com vosso esposo, senão passados oito dias depois de recebidos; esta condição não pode deixar de ser aceite. Em uma noite destes oito dias fugiremos ambas daqui, e iremos para Vairão; vossa devota tia assim que lá nos vir, decerto logo nos recolhe; vós fareis desistência da vossa legítima, se vossos pais consentirem, como de certo hão-de consentir, a favor de D. Fernando; assim vossos pais ficarão satisfeitos, porque satisfizeram a sua vontade e da rainha, e a vossa grande casa, e a de Faria vão cair na família de D. Fernando, e os senhores de Faria não sentirão muito a perda da vossa aliança, porque entram na casa de Lara e Trava, por tantos títulos ilustres; e assim vos deixarão em paz. Se for do vosso

gosto, eu ficarei na vossa companhia: como me não ficaram filhos de meu marido, sempre desejei ir acabar os dias num convento, e agora parece-me que me faz Deus a vontade.

À proporção que Gontrode falava, enxugavam-se as lágrimas da consternada Vivili: seus olhos tomavam uma alacridade, que há muito se não via neles, e por um movimento involuntário, salta da cama aos braços da sua confidente e a cobre de beijos e de carícias.

— Querida Gontrode, diz Vivili: anjo do céu, inspirada do Espírito Santo; os teus conselhos só do céu podem ser dados: eu os vou seguir à risca. Mas olha, minha Gontrode, será ser infiel e perjura aos juramentos que fiz a D. Nuno, chegar aos altares, e fingir que me recebo?

— Não, minha senhora: isto não é ser infiel, porque vós não vos entregais a D. Fernando, só o fingis, e o fingimento não é realidade: vós na realidade só vos entregais a Deus, e ao glorioso S. Bento, e isto não quebranta os vossos juramentos. Ide alegrar a vossos pais, dando-lhes o — sim — que tanto apeteçam, e no entanto vamos cuidando no que é preciso para pôr em prática o nosso intento.

Vivili chegou contente ao quarto de sua mãe, aonde estava D. Mem Gonçalves conferenciando com sua mulher sobre o modo de resolverem sua filha. Vivili chega e diz:

— Meus pais, eu obedeço às vossas vontades, porque a minha Gontrode tem desvanecido as minhas dúvidas. Eu receberei D. Fernando por marido, mas não leveis a mal que vos diga, que meu coração precisa tempo para se acostumar a um novo modo de sentir, e este casamento quere-se tanto à pressa... Enfim eu me receberei tão cedo como quereis, e como é necessário, visto que o conde D. Fernando aí chega por estes dias para assistir a ele; mas vós permitireis que esteja convosco ainda mais oito dias, sem me juntar com o meu novo consorte. Quero empregar este tempo em ver muitas vezes as minhas flores, em dizer-lhes adeus muitas e muitas vezes, e chorar à minha vontade a triste ausência da companhia dos meus queridos pais: ah! eu não os tornarei a ver mais, senão como hóspeda...

Vivili deu um suspiro, correram-lhe as lágrimas, abraçou seus pais e ausentou-se. Os pais de Vivili ficaram contentíssimos com a resolução de sua filha, que atribuíam à sua obediência e aos conselhos de Gontrode.

D. Mem Gonçalves parte logo para Faria, participa tudo a D. Pedro e a toda a família, e todos jubilosos apressam-se em preparar tudo quanto convinha para tornar esta união esplêndida e magnífica; os cuidados se redobram logo que se soube que o conde D. Fernando já tinha chegado ao Porto, e que não podia tardar em Faria,

para ir ao Neiva assistir à obra da sua políctica.

Chegou o conde D. Fernando, e muita da principal nobreza, ao castelo de Faria, e logo se mandou recado ao do Neiva, dizendo que o casamento devia efectuar-se no dia 19 de Fevereiro, e corria então o ano de 1121. Por uma não estudada coincidência, era este o dia anniversário, em que D. Nuno tinha saído da vista da sua Vivill, no ano de 1103, para ir embarcar para a Palestina.

Deixemos agora o Neiva e Faria estrugirem com o estrépido de tantos hóspedes; vamos ver o ermo e solitário monte de S. Fins (S. Félix), tão célebre em outro tempo pela morada deste santo solitário, que fez ali vida eremítica, ainda antes que os Paulos e Antões habitassem a Tebaida; e agora célebre também pela morada do nosso amante Anacoreta.

Como do monte de S. Félix se descobriam os arredores de Faria e Neiva, sítios em outro tempo tão gratos ao seu coração, e hoje incentivos da mais pungente dor e acerba saudade, D. Nuno determina, enfim, deixar este sítio, aonde todos os dias a mágoa e a saudade encontravam novos motivos de o fazer penar. Ao princípio, D. Nuno não trocava este melancólico ermo pela mais formosa cidade do mundo, porque a sua dor parecia mitigar-se com a vista dos mesmos objectos que a causavam; mas qual é a dor, que o tempo não

mitigue? O tempo, sem riscar do coração de D. Nuno a sua forte saudade, tinha mitigado essa febre de alma, chamada paixão; e um sentimento melancólico, sim, mas sossegado, sucedeu aos delírios desse frenesi das grandes mágoas.

D. Nuno resolve-se, enfim, a deixar estes sítios, que só servem de aumentar os seus profundos padecimentos, e determina ir buscar na aspérrima serra de Arga o sossego que o seu coração aqui não pode encontrar; mas antes de partir para aquele monte inabitado, quer beijar, pela última vez, essa terra avara que lhe guarda as cinzas da sua cara Vivili, e levar até consigo uma porção dessa terra negra, que possui o corpo da sua amada; determina trazê-la sempre junto ao seu coração, e não podendo enterrar-se na mesma campa em que jaz o corpo de Vivili, determina deixar escrito que na sua sepultura se lance aquela terra, para deste modo nem na morte se separar daquela que tanto amou em vida.

— Eia, Nuno, dizia o amante solitário; deixa estes sítios de saudade, terror e morte: amanhã completam-se dezoito anos que eu deixei estes sítios para embarcar para a terra da Palestina! então tudo aqui se ria para mim! O mais casto dos amores fazia as minhas delícias; a mais amável, a mais terna das amantes, Vivili... Já não existes... Há hoje dezoito anos que toda eras amor e vida... Hoje... és terra... és morte...

Mas quanto essa terra me não é cara?! Todo o ouro do mundo não vale para mim tanto como um punhado só dessa terra! Amanhã, amanhã eu a vou buscar, e meu peito, meu coração será a urna em que a vou guardar: comigo tu irás à sepultura; se a morte nos separou na vida, o amor nos unirá na sepultura. Coração, prepara-te para o último e mais terrível lance... é o último... mas terei forças?... Ânimo, coração!

Nestas e outras semelhantes cogitações passou D. Nuno toda a noite sem dormir; mas ela não foi mais sossegada para a consternada Vivili, que no dia seguinte havia de ir diante dos altares dar-se por esposa de D. Fernando de Faria.

Apenas alvoreceu o dia, o ermitão de S. Félix põe-se a caminho para o castelo do Neiva. Quando D. Nuno, com o coração partido de dor, chega à porta do castelo, vê-a guardada por pajens luzidamente vestidos; esta vista e o relinchar de muitos cavalos nas cavaliças, tudo lhe fez presumir que algum grande festejo havia no castelo, e até lhe veio à lembrança que seria o dia do noivado de D. João, cuja morte ele ignorava pelos motivos que já ficaram ditos. D. Nuno pediu licença aos pajens para ir à capela e cemitério fazer as suas orações, e os pajens, querendo-lhe beijar a manga do seu roupão de serguilha, cortês e respeitosa mente lha concederam. D. Nuno, apesar de sepultado o rosto no seu grande capuz,



temia ser reconhecido, e por isso nem perguntou qual era a causa de tão grande gala.

Apenas D. Nuno tinha entrado na capela, sente grande tumulto de gente descer pela escada do palácio, que dando no terreiro do castelo, estava chegada à capela, e os passos desta gente para a capela se encaminhavam. D. Nuno queria sair, mas não o podia já fazer sem de cara a cara se encontrar com os que vinham, e isso é o que D. Nuno de modo algum queria pois receava, com razão, ser conhecido de seu pai e de D. Mem Gonçalves, cujas vozes já tinha perfeitamente distinguido; neste aperto, tomou o único partido que lhe restava a tomar: colou-se à parede de trás da porta, pensando, e com razão, que como todos iam com as caras para o altar, se não lembravam de estar a rever os cantos; quando todos se ajoelhassem a fazer a sua oração, ele facilmente podia sair, até mesmo sem ser sentido; e quando o fosse, quem se embaraçaria a ir ver o rosto de um pobre ermitão que sai de orar de uma capela?

Com efeito, entrou a comitiva sem ninguém reparar para D. Nuno. No meio da comitiva ia um mancebo todo loução, riquíssimamente vestido, a par de uma dama trajada de noiva, cujas feições indicavam padecimento e dor interna: as feições deste par não eram estranhas a D. Nuno, mas ele não pôde reflectir nelas, no rápido instante em que

os dois passaram junto dele. O coração bateu-lhe apressado no peito, e ele sentiu uma extraordinária comoção em todo o corpo, sem contudo saber a causa, pois não podia vir-lhe à ideia, que o mancebo era o irmão que ficara no berço, quando marchou para a Palestina, nem tão pouco ocorrer-lhe que essa de quem ele ia buscar uma pouca de cinza fria, fosse a dama do noivado. Mas o coração dos amantes costuma ser feiticeiro: às vezes parece que adivinha; o coração de D. Nuno fala-lhe, mas ele não o entende; a sua razão perturba-se, ele ignora a causa. A vista de seus pais e dos senhores do Neiva fizera-lhe notável impressão; mas aquele mancebo, aquela dama... é que causam toda a desordem da sua alma. Já D. Nuno se esquece de sair, já quer ficar até ao fim, só para reconhecer o par, que tanta impressão lhe fizera.

Acabada a oração, sai da sacristia o pároco do Neiva, paramentado com pluvial de requíssimo damasco branco, entretecido de ramos de ouro: chega ao arco cruzeiro da capela, e vira-se para o povo: então o mancebo aproxima-se do sacerdote, e D. Mem Gonçalves e sua mulher conduzem a dama pelo braço até junto do sacerdote: este levanta a voz, e diz:

— Aqui estão D. Fernando de Faria e D. Vivili Mendes, senhora do Castelo do Neiva, para se receberem por consortes...

Estas palavras tão cheias de electricidade para o incógnito ermitão, dão-lhe a velocidade do raio; ele voa por entre a turba atónita, chega ao altar, olha para Vivili, reconhece-a num momento e ainda mal crendo no que seus olhos lhe atestam, levanta a voz e diz:

— Não, não será assim; aqui está D. Nuno de Faria, que vem vingar uma injúria... — E em menos dum átomo vai ao pé das suas armas, arranca a espada da bainha e diz para D. Fernando: — Cavaleiro, puxa da tua espada, vamos a ver se a minha morte te dá aquela que o meu amor te nega.

E no mesmo instante apresenta-se diante de D. Fernando, que não tinha reconhecido por seu irmão. Extático e absorto estava D. Fernando, vendo diante de si, e aparecido de repente, como saído dum sepulcro, um ermitão tão desprezível, e que vinha disputar a mão de D. Vivili! Igual era o assombro de toda a comitiva; todos estavam como petrificados, e nem tempo, nem dados, nem razão tinham para pensar; olhavam-se mutuamente como perguntando uns aos outros, que successo era este? mas ninguém sabia responder.

D. Pedro de Faria, que no ermitão fàcilmente reconheceu o filho, assim lhe diz:

— Suspende, Nuno! queres matar teu irmão?

E um irmão que em nada é culpado, e em nada te ofendeu? Não te deixes levar de falsas

aparências: escuta e atende. Se vês aqui teu irmão e Vivili para se receberem por consortes, é porque todos te supunham morto: e se a viúva é livre para casar, porque não será a amante? Além de que, este consórcio não foi ordenado pelo coração dos dois cônjuges, mas sim por ordem terminante da nossa Rainha e expressa vontade do illustre conde D. Fernando Peres de Trava, que está ali presente, e com a mesma Rainha governa o reino. Vivili resistiu quanto pôde: seu amor, seu coração, eram só para ti...

— Oh! Vivili, diz D. Nuno, deixando cair o braço que tinha levantado com a espada: oh! minha cara Vivili, teu amor, teu coração, eram só para mim?

— Sim, meu Nuno, sim, e no meu coração só tu reinavas: a tua lembrança era indelével na minha alma; e se na aparência me vês infiel, na realidade não o sou: apesar de te julgar morto, como todos te julgavam, eu não queria ser infiel às tuas cinzas: para não comprometer meus pais, vim fazer esta ficção, e antes de me juntar com teu irmão, tinha pactuado com Gontrode fugirmos para Vairão, e ali sendo esposa de Jesus Cristo, dava-te um rival, que te não podia ser suspeito, nem também causar ciúmes...

D. Nuno, caindo de joelhos aos pés da sua Vivili, assim exclama:

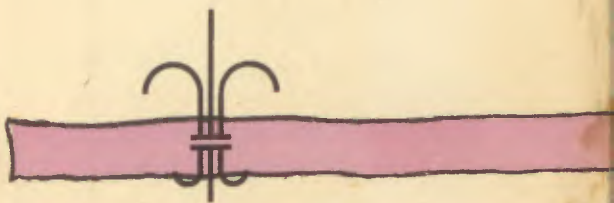
— Anjo do céu, estimadíssima Vivili! perdoa

o meu imprudente comportamento, filho da minha paixão! Eu te julgava também morta: no dia em que eu vinha dar-te, e a meus pais, uma agradável surpresa, estava aqui uma defunta que me disseram seres tu; desesperado, deixei a teus pés as minhas armas, e aquele retrato duma dama, a quem devo a liberdade e a vida, retrato que ela te oferecia; penetrado de angústias mortais, sem ser visto, nem conhecido de pessoa alguma, fui embrenhar-me no monte de S. Félix: mas como tudo por aqui me recordava a tua perda, determinei deixar sítios de tanta saudade, para ir sepultar-me em vida na pavorosa serra de Arga, mas queria levar terra da tua sepultura, para com ela me sepultar: vim buscá-la hoje, e encontro-te viva... Oh! céus, que nos resta? Unamos nossas mãos, já que nossos corações também o estão.

Os pais dos dois esposos, banhados em inexplicável prazer, deram o seu consentimento, e foram-no pedir ao conde D. Fernando, que muito satisfeito o outurgou, porque assim ainda fazia mais suas criaturas os dois esposos.

D. Nuno vestido de grosseira serguilha e D. Vivili vestida de custosísimos vestidos, faziam notável contrastel Mas assim mesmo, os dois supostos finados receberam a bênção nupcial; seus dias foram uma longa série de felicidade, e para a sua felicidade ser o céu, só lhe faltou seus dias serem eternos.





1888

BC  
Bibliot  
Manuel